

“Razão de Ser” -
As Primeiras Memórias do Sporting Clube de Portugal

Tatiana Teixeira Lopes

Relatório
de Estágio de Mestrado em Antropologia – Temas Contemporâneos

Setembro, 2022

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Temas Contemporâneos

**Para o meu pai, a minha mãe e irmã.
Pelo amor, apoio e incentivo até ao fim.
Obrigada por me ajudarem a sonhar e a criar memórias.**

Agradecimentos

Ao longo destes cinco anos de estudos em Antropologia, que culminam na escrita deste projeto de estágio, aprendi que ninguém caminha sozinho. Quem o cruza, deixa sempre algo para trás, seja bom ou mau. Assim sendo, recordo e agradeço a quem me fez bem.

Em primeiro à minha “casa” durante estes cinco anos, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Nova de Lisboa. Dela levo as melhores lembranças e ensinamentos. São momentos que deixam saudades.

À minha orientadora na FCSH-UNL, Professora Paula Godinho, sou muito grata por ter aceitado ser minha orientadora e ter confiado em mim. Obrigada pela dedicação, apoio, paciência, supervisão nestes últimos anos, pela riqueza dos seus conhecimentos e por me guiar nestes caminhos antropológicos.

A sua orientação acrescentou-me valores e enriqueceu-me enquanto estudante de antropologia.

Muito obrigada, também a todos os professores com que cruzei caminho durante a licenciatura e mestrado. Em especial ao Professor Rui Mateus Pereira, os seus ensinamentos e a sua dedicação nunca serão esquecidas.

Gostaria de agradecer ao meu orientador e coordenador de estágio no Museu Sporting, David Felgueiras, pelo seu encorajamento e orientação dedicados. Obrigada por me ter aceitado neste grupo de trabalho, pelo apoio que me deu desde o primeiro dia, pelo incentivo, pela partilha de conhecimentos e por estar sempre disposto a ajudar de qualquer maneira que pudesse ao longo do projeto de pesquisa.

À Doutora Isabel Victor, diretora do Museu Sporting, obrigada por tudo. Pela disponibilidade para me ajudar, pelos conhecimentos e partilha dos mesmos. As nossas conversas foram muito enriquecedoras e benéficas para mim.

Aos colaboradores do Museu Sporting. Muito obrigada. A vossa ajuda foi essencial para que este trabalho fosse realizado. Mais que uma equipa de trabalho, foram amigos e companheiros em tudo o que necessitei. Vocês são os melhores.

A todas as pessoas que se disponibilizaram para colaborarem neste trabalho, João Alves, Mariana Silva, Juvenal Carvalho, Carlos Canário, Joaquim Ferreira, Vitor Cândido, Carlos Silva, António Abraços e Prazeres Lagos, muito obrigada. Sem vocês não era possível.

À Nathália e ao Gabriel, obrigada pela vossa amizade, alegria, apoio, por me fazerem rir, pela partilha de músicas e vídeos engraçados, pelas conversas e gelados. Sempre que precisei, vocês estavam lá para mim.

Aos amigos que a faculdade me deu, em especial à Cátia e ao Arnaldo, obrigada por fazerem parte deste trajeto académico, pela vossa amizade, pelas conversas e palavras ditas nos momentos certos. O que a faculdade juntou, nada separa.

Ao amigo de longa data, Pedro Fiuza, obrigada por fazeres parte da minha vida. Sei que a nossa amizade vai durar até sermos velhinhos. Aos restantes amigos que não mencionei, muito obrigada por tudo.

À minha família, especialmente à minha avó Miquelina. Nesta etapa mais difícil que está a passar, a sua força e coragem são admiráveis.

Para as pessoas mais importantes da minha vida, Pai José, Mãe Ana e Irmã Beatriz, obrigada pelo vosso apoio em tudo, pelo incentivo e por acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditava. Os valores que me transmitem desde nova, são o que atualmente me permite alcançar os meus objetivos. Vocês são o melhor de mim e eu não podia pedir melhor família que vocês.

O vosso amor, foi a força que eu precisava para nunca desistir dos meus sonhos, e por isso, este trabalho é igualmente vosso.

Espero ter deixado a todos orgulhosos.

**“A memória guardará o que valer a pena.
A memória sabe de mim mais que eu;
e ela não perde o que merece ser salvo.” Eduardo Galeano**

Resumo

Este trabalho foi realizado no contexto de um estágio curricular no Museu Sporting – Centro de Memórias.

A principal fonte de trabalho, surgiu através do trabalho levado a cabo pelo Centro de Memórias do Clube, que valoriza de forma o seu amplo património imaterial, as histórias e memórias de todos os que procuram enriquecer o acervo documental do clube.

Quando os adeptos foram impossibilitados de assistir aos jogos presencialmente de qualquer modalidade, a maioria começou a sentir-se nostálgico. As modalidades deixaram de fazer parte das suas vidas desde que as medidas motivadas pela Covid-19 os interrompeu. O ponto inicial deste projeto de Mestrado, foi um estudo de caso no sentido de reunir indicadores sobre a identidade Sportinguista e da partilha da primeira memória sobre o Sporting C.P. Pretendeu-se reunir declarações, através de sócios, visitantes do Museu, simpatizantes, entre outros, partilharam as suas histórias, fotos, objetos e vídeos. principal fonte de investigação

A partilha das memórias, permitiu compreender qual o valor simbólico das memórias, o impacto que teve/tem nas suas vidas, sendo que o principal objetivo é o de manter as memórias vivas. Falar sobre memórias passadas, também ajuda a criar e manter as nossas identidades pessoais e partilhadas.

Palavras-Chave: Centro de Memórias, Antropologia, Sporting Clube de Portugal, Museologia, SocioMuseologia, Património Imaterial;

Abstract

This work was conducted in the context of a curricular internship at the Sporting Museum – Centro de Memórias.

The main source of work came from the work conducted by the Club's Centre of Memories, which values its wide intangible heritage, the stories, and memories of all those who look to enrich the club's documentary collection.

When fans were unable to attend the games in the person of any sport, most began to feel nostalgic. The modalities were no longer part of their lives since the measures motivated by Covid-19 interrupted them. The starting point of this master's project was a case study to gather indicators about the Sportinguista identity and the sharing of the first memory about Sporting C.P. It was prepared through the collection of oral and video testimonies. It was intended to gather statements, from members, museum visitors, and sympathizers, among others, who shared their stories, photos, objects, and videos. The shared memories made it possible to understand the symbolic value of memory and the impact it had/has on their lives, and the main aim is to keep the memories alive. Talking about memories also helps to create and keep our personal and shared identities.

Keywords: Center of Memories, Anthropology, Portugal Sporting Club, Museology, SocioMuseology, Intangible Heritage

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	7
Abstract	8
Glossário	10
1. Introdução	11
1.1. O Passado, Presente e Futuro: O Papel da Memória	11
1.2. Património: Um Objeto da Identidade Cultural e Social das Pessoas	16
2. Museus: o que fazem, porque fazem	19
2.1. Museus de desporto e Museus de Clubes: uma visão geral	22
3. Sporting Clube de Portugal e Museu Sporting:	23
3.1. Centro de Memórias	28
3.1.1. Centro de Documentação	31
3.1.2. Departamento de Restauro e Conservação	31
3.1.3. Centro Educativo	32
4. Local de estágio: O Conteúdo do Trabalho Praticado	32
4.1. Trabalho de campo	36
5. Estudo de caso:	39
5.1. A família Leonina: uma vida de Sporting Clube de Portugal	39
5.2. “Razão de Ser” / As Primeiras Memórias do Sporting Clube de Portugal... ..	47
Bibliografia:	59
Anexos	64
- Projeto ICOM	64

Glossário

Sporting C.P – Sporting Clube de Portugal

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ICOM – Conselho Internacional de Museus

PCI – Património Cultural Imaterial

MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia

1. Introdução

O presente trabalho insere-se no Mestrado em Antropologia com temática em Temas Contemporâneos, e num estágio curricular no Museu Sporting., representando um campo de trabalho em que a memória, património e o Sporting C.P são o principal.

O Centro de Memórias do Museu Sporting, permitiu que eu definisse qual seria o trabalho que iria realizar. Posto isto, a escolha recaiu sobre a partilha das primeiras memórias em relação ao Sporting C.P. Escolhi esta temática de trabalho, pois todos os adeptos de qualquer clube têm uma primeira memória dele, que para alguns até é o porquê de serem desse grupo. Memórias essas que merecem ser recordadas para que sejam imaterializadas, tanto para quem as tem, como para o Centro de Memórias do Museu Sporting.

No decurso deste trabalho, e com a finalidade das metas iniciais serem alcançadas, a recolha de testemunhos via oral e vídeo, foram um elemento essencial para a sua elaboração. A memória que é o conceito chave deste trabalho, é estudada há diversos anos por antropólogos. Foi fundamental investigar sistematicamente o sistema da memória no campo do desporto. São estas memórias que acabam por fazer da instituição Sporting C.P o que ela é hoje. Seja a partir de uma memória contada por um sócio, ou de uma memória contada por um funcionário, todas são importantes e essenciais para fazer este trabalho acontecer. O que as memórias têm de bom e mau, é que através das mesmas, conseguimos recordar momentos que já não se podem suceder.

1.1.O Passado, Presente e Futuro: O Papel da Memória

“A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta-a, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; o que ela é, por natureza, múltipla e desacelera, colectiva, plural e individualizada.” (Nora 1993, 9) (tradução de Yara Khoury)¹

¹ Departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Quando mencionamos a memória, mencionamos o passado, mas igualmente o presente e por vezes também o futuro. O que nos lembramos hoje, representa o que vivemos no passado, ainda que seja com base no presente que recordamos a memória. A memória desempenha uma influência sobre a história de cada pessoa, também interfere na linguagem e na construção de identidade. Podemos afirmar que a memória é um dos componentes que nos define como seres humanos.

“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, estando em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (...) a história é reconstrução, sempre problemática e incompleta, do que não existe mais.” (Nora 1993, 9) (tradução de Yara Khoury)

Segundo Pierre Nora², memória e história são dois conceitos distintos. A memória está sujeita a mudanças e retrata um sistema constante. A sua função não é conservar o passado, mas sim ajustar para que se consiga adicionar alguma coisa ao presente. A história reparte-se em períodos e concentra-se no antes e depois. Para ele, “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (idem)

Maurice Halbwachs afirma que a história só se inicia quando a memória dos grupos sociais termina, atuando como apoio a essa memória. Desde o século xx, que os estudos de Maurice Halbwachs³ passaram a ser vanguardistas para o estudo da memória. O elemento social passou a ser um dos fatores que mostra a presença de uma ligação entre o coletivo e o individual.

“A memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.” (Pollak 1992, 2)

² Historiador Francês, ligado aos estudos da Nova História, identidade e memória

³ Sociólogo Francês, associado aos estudos sobre a memória coletiva, relacionado à escola durkheimiana

Segundo Maurice Halbwachs, a memória necessita de um observador preliminar, ou seja, um conhecimento abstrato que levou à existência de alguma coisa. De acordo com Halbwachs (1990), as memórias agrupam-se em duas espécies de recordações, dos quais o sujeito participa, seguindo ações distintas diante de cada. Sendo que a primeira ação vai ser apropriada pelas memórias relacionadas com o nosso carácter e a ação subsequente é reservada à cooperação “como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo.” (Halbwachs 2004 [1959], 57)

Pierre Nora, afirmou que existem lugares e meios de memórias. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização do nosso mundo que faz aparecer a noção.” (Nora 1993, 12-13) (tradução de Yara Khoury) Isto é, os meios de memória são os grupos que preservam as memórias e os lugares de memória complementam a falta de memória e salvaguarda as mesmas. Logo, quando os meios de memória já não estão presentes, os lugares de memória são uma maneira eficiente de conservar a memória dos eventos ocorridos.

Para Paula Godinho⁴, as memórias têm classe, género e divergem “conjunturalmente e em escalas diversas – grupal, comunal, regional, nacional. Podem incomodar ou dar alento, ficar retidas ou ser exibidas, serem reconstruídas e resignificadas, ou banidas e renegadas, utilizadas para libertar ou para capturar, por períodos mais ou menos duradouro.” (Godinho 2011, 21)

Segundo Elsa Peralta⁵, as memórias existem porque fazem parte de um grupo de ponderações e conteúdos que são comuns a todos os elementos do grupo, “na medida em que as imagens privadas que cada um tem do seu passado são submetidas a padrões apropriados mantidos coletivamente”. (Peralta 2007, 7)

Consoante os grupos e a ocasião, existe a possibilidade de serem recuperadas por intermediários, serem uniformizadas. Podem ser inventadas, transformadas, recuperadas e enquadradas. A memória possibilita que haja uma locomoção do passado para o presente.

⁴ Antropóloga, Docente no departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, investigadora no Instituto de História Contemporânea

⁵ Doutorada em Antropologia, investigadora FCT, estudos baseados na memória

Por meio de uma ação, encontramos-nos na presença de uma memória-hábito (replika o passado e repete-o), diz respeito à habilidade de repetir uma certa performance. No caso das recordações, é preciso haver uma edificação a respeito do passado que, assim, apresenta um espaço crítico em associação ao presente. Como indivíduos, conceito usado em menção ao ser humano, a memória é um dos componentes que nos define. Para revivermos qualquer evento da nossa vida, usamos a nossa memória para tal. A memória consegue proporcionar informações com significado que são feitas por visões partilhadas do passado, geradas pelo presente e orientadas para o futuro. “Como em Benjamin, 1992, a memória implica, assim, uma constante dialética entre o passado, o presente e o futuro.” (Peralta 2007, 16)

Conforme Sigmund Freud⁶ mostrou, as memórias mais antigas, como as da infância, permanecem armazenadas no cérebro. A questão é que na vida adulta, muitas vezes não se consegue aceder às mesmas.

Durante o estudo realizado durante o estágio no Museu Sporting relativamente às Primeiras Memórias sobre o Sporting C.P, podemos observar que existem diversos modos de as memórias serem formadas. A memória social, coletiva, individual e histórica.

Para Maurice Halbwachs, a memória coletiva, é a cooperação da memória individual de cada pessoa, cada memória exercida de modo individual, é uma perspectiva a respeito da memória colectiva. (Halbwachs 2004 [1959], 51)

A memória coletiva apoia-se em outras memórias de um indivíduo para ser preservada, mesmo que essa entidade não seja aquela que tenha presenciado o acontecimento primeiro. Agrega uma corrente de reflexões, através de um seguimento que mantém o que ainda pode ficar na consciência do grupo de pessoas que a está a guardar. São memórias feitas em grupo, como com os pais e avós, memórias estas que vão ser contadas de maneira a recordar as pessoas presentes na mesma.

“Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação. (Halbwachs 2004 [1959], 29)”

A memória coletiva abrange as memórias individuais, mas não se mistura com elas. Isto é, se a memória é coletiva, apenas o indivíduo que as tem se consegue recordar delas. A memória individual é perspectiva da memória coletiva. Dado que na maioria das

⁶ Neurologista, criador da psicanálise

recordações que possuímos são referentes a instantes que a memória é coletiva, existem circunstâncias em que são experienciados por uma pessoa individualmente.

Exemplificando, as memórias que foram divididas no momento das entrevistas para este trabalho, podem ter sido criadas individualmente, mas, quando foram partilhadas no decorrer das conversas, passaram a ser uma memória coletiva. De forma sucinta, a memória individual é descendente e complemento da memória coletiva.

A memória individual, ocasionalmente é trocada com a memória histórica, pois consegue apoiar-se nessa memória em acontecimentos que seja necessário comprovar algumas lembranças e complementar determinadas falhas que existam.

“Se a nossa impressão se pode apoiar não somente sobre a nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, a nossa confiança na exatidão da nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (Halbwachs 2004 [1959], 25)

Consequentemente é possível afirmar que as memórias são produzidas através de grupos sociais. São as pessoas que se recordam das memórias, porém são os grupos sociais que indicam o que é meritório de ser recordado. Desta maneira a memória individual e social estão conectadas.

Em “Social memory and History: antropological perspectives”, Jacob Climo e Maria Catell descrevem a memória social como equivalente “às perceções, atitudes, comportamentos, valores e instituições que são comuns, coletivas.” (Catell et al 2002, s.p) (tradução minha) ⁷

Corresponde a um plano político que de certa forma influencia o passado em benefício da criação de memórias. Em conformidade com Elsa Peralta, a memória social é “um espaço de contestação entre diferentes vozes, cada uma delas procurando fazer ouvir a sua versão do passado” (Peralta 2007,14)

⁷ “To perceptions, attitudes, behaviors, values and institutions that are common, collective”

1.2. Património: Um Objeto da Identidade Cultural e Social das Pessoas

Entende-se por património, o que se manifesta através da identidade histórica e das experiências de um povo, do qual é um componente primordial da edificação da identidade cultural e social de um grupo. Um objeto é considerado património através da sua particularidade e sublimidade.

O património não se limita apenas ao sentido de herança “refere-se também, aos bens produzidos pelos nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais.” (Rocha 2012, 1)

É também utilizado para criar uma nação semelhante com uma cultura comum. A memória é essencial neste aspeto, pois ajuda que sejam transitadas do passado tradições e factos importantes para o reforço cultural e social de uma sociedade.

De acordo com Mário Chagas “o interesse no património não se justifica pelo vínculo com o passado seja ele qual for, mas sim pela sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, a vida dos seres humanos em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e ideias.” (Chagas 2002, 74)

Para Marta Anico e Elsa Peralta, em “Patrimónios e Identidades – Ficções Contemporâneas”, os termos identidade e património estão associados. “Na verdade, são tão intimamente relacionados que frequentemente são entendidos como uma extensão óbvia um do outro: a identidade como a “essência” de um determinado coletivo humano; o “património” como a sua manifestação “natural”, que sobrevive ao decurso do tempo e que é preciso resgatar e preservar a todo o custo. (Anico et al 2006, 1)

O que faz parte da identidade de uma comunidade ou grupo, é considerado património pelo valor concedido. É um componente crucial na edificação da identidade cultural e social de uma sociedade. Essa herança do passado, que está a ser vivida no presente, no futuro irá ser apresentada.

A memória tem aqui um papel importante, pois para a identidade ser estruturada, a memória vai transitar do passado factos e tradições que são pertinentes para o destaque cultural e social de um grupo.

O conceito de cultura na antropologia, e para Geertz, é uma “hierarquia de estruturas”.

“Não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade.” (Geertz 1989, s.p)

A 17 de outubro de 2003, a UNESCO organizou uma convenção em que pretendia que o Património Cultural Imaterial (PCI) fosse protegido.

De acordo com a UNESCO 2003, o Património Imaterial é o conjunto de

“práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – Bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos, em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo desse modo para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.” (Unesco artigo 2º/1)

Neste dia foram instituídas quatro metas principais:

- Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial;
- Artes do espetáculo;
- Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo;
- Aptidões ligadas ao artesanato tradicional. (Unesco – Património Cultural Imaterial) ⁸

Para João Leal, professor catedrático de Antropologia, para que o PCI permanecesse preservado, a UNESCO definiu alguns parâmetros, como a documentação, preservação, investigação e reconhecimento. É propagado de geração em geração e está a todo o

⁸ Acedido a 5 de março de 2022

momento a ser reinventado, em conformidade com a sua história ou da sua identidade, do qual é um elemento fundamental na preservação da diversidade cultural.

“Se é possível hoje falar com toda a naturalidade de património cultural imaterial, isso deve-se à antropologia e à etnografia, não apenas em Portugal, mas em muitos outros países na Europa e no Mundo.” (Leal 2009, 290)

Em Portugal, é no período do Estado novo que o PCI passou a ser reconhecido e valorizado. O Museu de Arte Popular⁹ foi criado e Jorge Dias¹⁰ desenvolve o trabalho de investigação do Museu Nacional de Etnologia¹¹. Anteriormente, nomes como, Teófilo de Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedro, Leite Vasconcelos, Adolfo Coelho, Rocha Peixoto, Vergílio Correia, Luís Chaves e Pires Lima, divididos em três etapas, desenvolveram estudos sobre a tradição oral, literatura tradicional e popular. (Leal 2009) “A consagração do património cultural imaterial pela UNESCO faz justamente parte desses processos de patrimonialização, mercantilização e turistificação da cultura, que os antropólogos portugueses têm vindo a estudar nas últimas décadas, com este novo e mais complexo olhar.” (Leal 2009, 293)

Para o património imaterial ser preservado fora das nossas memórias, ou para passar a ser base dessa memória, “a imaterialidade tem de ser materializada num suporte material. Este suporte material, que é documento e testemunho de uma realidade, quer ainda presente quer já não, torna-se também e por isso mesmo património a salvaguardar.” (Santos 2011, 24)

Muitos antropólogos, começaram por criticar o expansionismo da UNESCO e as adaptações identitárias do Património Imaterial. Chiara Bortolotto, investigadora associada do Instituto Interdisciplinar de Antropologia Contemporânea, aborda uma questão relevante, “será o PCI uma aberração intelectual”, já que é uma ideia inovadora, mas existem complicações em clarificar especificamente o que são grupos, comunidade ou indivíduo, isto para que não exista discrepância dentro da UNESCO.

Para Hugues de Varine, “há património, não há património imaterial! Ou seja, há uma dimensão imaterial e uma dimensão material. (...) O imaterial tem de ter um objeto, e um objeto não existe se não houver uma explicação, se não houver uma memória. Então,

⁹ Museu dedicado à arte popular portuguesa

¹⁰ Símbolo importante na Antropologia em Portugal, colaborou na sucessão dos estudos etnográficos

¹¹ Fundado em 1943, situado em Lisboa, conserva e salvaguarda o património etnográfico nacional

não é possível compreender o imaterial sem o material.” (Varine Citado por Carvalho 2015,152-153)

O património e o desporto, partilham uma conexão importante. “Eventos desportivos e conquistas são marcadores de memórias coletivas, enquanto as tradições desportivas estão enraizadas nos comportamentos e atividades de espectadores e competidores.” (Ramshaw 2019, 1)

Christian Bromberger aponta que é difícil haver uma validação do património desportivo. Analisa que o desporto e o património são dois conceitos que por suposição não se dão muito bem, uma vez que o património vê o monumental, polido pelo tempo e testemunho da "grande história". Enquanto o desporto, é uma ação atual, evoca o lazer, o fútil e o efémero (Bromberger 2006, 8)

O desporto tem um papel importante em vários momentos do património, enquadrando discussões atuais e usado como instrumento de persistência e poder. O desporto faz parte do património e o património faz parte do desporto. Para Gregory Ramshaw, frequentemente, quando o passado desportivo se torna património desportivo, os significados culturais e sociais relacionados a esses passados passam a ser subjugados. O património desportivo deve ser acessível, interessante e “também amplamente baseado em entendimentos críticos do desporto.” (Ramshaw 2019)

2. Museus: o que fazem, porque fazem

“É certo que os museus foram criados para reter o tempo, compensar as perdas que o tempo produz, a erosão da memória das coisas. Com isso, o museu julgou-se fora do tempo. Mas é sobretudo importante que quem trabalha no museu perceba que este é parte da sociedade que o criou, e o museu – e não apenas o património que guarda – tornou-se, enquanto ideia e enquanto coisa, uma das manifestações do património que a sociedade produz.” (Brito 2005, 51)

Atualmente os museus têm-se ajustado às modificações das circunstâncias históricas, económicas, culturais e sociais, possuem a habilidade de solucionar discórdias “e são atravessados por fenómenos que questionam as identidades sobre as quais se construíram, a isto se chama objeto de mutações.” Ao longo de inúmeros séculos, o museu declarou-se como um armazenamento de ressalva das coleções de objetos valiosos. No decurso do tempo, passou a ser um lugar de registo, conservação e especificação dos

objetos. Ao contrário da museologia tradicional, a nova museologia começou uma ligação entre o espaço, a dimensão humana e o tempo, passando a favorecer o crescimento do património conservado. Os museus passaram então a ter como propósito o público e inculcando-lhe uma função crítica modificadora na sociedade. (Brito 2005)

Para Isabel Victor, diretora do Museu Sporting, “o museu é um campo multidisciplinar, é importante exercitar essa reflexão: o que fazemos, porque fazemos e a inovação que se vai gerando, que de uma maneira geral é mal conhecida”. (Hypotheses 2018)¹²

Podem ser organizados em duas dimensões fundamentais: dimensão invisível e dimensão visível. A dimensão invisível são as áreas que incluem os espaços que têm os acessos restritos a pessoas específicas, trabalhadores do museu, sendo que são privados, como arquivos, gabinetes da equipa, reservas, áreas técnicas.

Por dimensão visível, são incluídas as zonas que conseguem ser visitados e que os visitantes possam fazer uso, em outros termos, os lugares públicos, como as exposições, auditório, loja. São dimensões diferentes, com finalidades distintas.

Os museus além de concederem valores, conhecimentos e experiência, contribuem também para o estímulo e fortalecimento. Têm cinco deveres básicos: coletar, conservar, estudar, interpretar e expor. São fatores independentes, mas unidos por um propósito similar. Em 1970, Joseph Vech Noble, distinto ex-presidente da Associação Americana de Museus, publicou “Museum Manifesto”, onde os cinco deveres básicos anteriormente mencionados, estavam presentes e ganharam uma perspetiva na performance dos museus, incitando uma rede de estudos sobre as políticas de manuseamento das coleções e o programa de estudos dos museus. (Stephen Weil 1990) Já em 1992, Peter Van Mensch, publicou “Towards a methodology of museology”, onde afirmou que “os objetivos da museologia são investigar, analisar e estudar o museu.” (Mensch 1992, s.p) (tradução minha)¹³

Os dois principais impulsionadores de variadas iniciativas transformadoras para a museologia são Hugues de Varine e George Henri Rivièri, e também os dois primeiros diretores do ICOM. O ICOM é uma Organização não governamental internacional, sem fins lucrativos, dedicada a elaborar políticas internacionais para os museus. Criado em

¹² Acedido a 8 de março de 2022

¹³ “The aims of museology are to investigate, analyze and study the museum”

1946, mantém ligações formais com a UNESCO e é membro do Conselho Económico e Social da Organização das Nações Unidas. Segundo Hugues de Varine, o “objetivo do museu parece ir além: ele é feito para a arte, ou para a cultura ou para a carreira do seu diretor fundador ou para conservar o património ou atrair os turistas ou porque uma cidade moderna deve ter pelo menos um museu.” (Chagas 1996, 7)

Para o ICOM, um museu tem um papel na proteção e conservação do património tangível e do património imaterial da humanidade. Conseguem cooperar na salvaguarda do património imaterial, nos alicerces e recursos que ajudem a elaborar ações criativas sobre a sua preservação. (ICOM)

O movimento para a nova museologia, MINOM, na década de 80, passou a estar associado ao ICOM e à UNESCO, como uma das 18 organizações internacionais que cooperam com ações e conceções na museologia atual. “A criação do MINOM representou, então, uma indiscutível prova de dinamismo da nova museologia que se afirmava internacionalmente como uma realidade.” (Nunes ,62)

A SocioMuseologia, é uma ciência social que resulta da nova museologia. Para Mário Moutinho, doutorado em Antropologia Cultural, a SocioMuseologia “constituiu-se, assim, como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia, em particular, com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.” (Moutinho 423, 2014)

Os museus sempre contribuíram para a sociedade, possibilitando aos visitantes compreender a cultura e a sociedade. Como o mundo está sempre em constantes mudanças, os museus são progressivamente mais relevantes para se promover a coerência e compreensão. No futuro, os museus continuaram a desempenhar um papel importante na arte e sociedade. Conforme as mudanças na sociedade e arte, os museus devem espelhar transformações.

“Os museus estão parcialmente interligados com a cultura, o turismo, e por isso com a economia. Mas além dessa dimensão económica, os museus também estão ligados à produção de conhecimento e aplicação do conhecimento na sociedade

do conhecimento, democracia do conhecimento e economia do conhecimento.”
(Gerald et al. 2018 ,125) (tradução minha) ¹⁴

Antes da entrega deste projeto de estágio, no dia 24 de Agosto de 2022, durante a Assembleia Geral Extraordinária do ICOM, os membros aprovaram uma nova designação sobre o que é um Museu.

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e sustentabilidade. Atuam e comunicam-se de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo variadas experiências de educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.” (ICOM 2022, s.p)

2.1. Museus de desporto e Museus de Clubes: uma visão geral

“Os museus desportivos estão progressivamente a entrar na moda. Agora que o desporto cresceu em proporções sem precedentes como resultado do aumento do tempo de lazer, o estudo da sua história também está a receber cada vez mais atenção.” (Triet 1991, 82) (tradução minha) ¹⁵

O propósito dos museus do desporto é o de colecionar e adquirir objetos e património que traçam a sua história. Dedicam-se a desenvolver várias disciplinas desportivas por meio de arquivos, objetos, taças, entre outros. Por intermédio do diálogo das obras que o compõe, a fundação tem a tendência de representar o desenvolvimento das atividades desportivas, em que o desporto é sinónimo de cultura.

Para Maximilian Triet, os museus do desporto fazem aumentar a perceção do público sobre o assunto, “e algumas pessoas são até movidas por esses museus a praticar

¹⁴ “Museums are (being) partially interconnected with culture, the tourism, and by this with the economy. But beyond such an economic dimension, museums (at least in principle) are (should be) also connected to knowledge production (research) and knowledge application (innovation) in the knowledge society, knowledge democracy, and knowledge economy”

¹⁵ “Sports museums are gradually coming into fashion. Now that sport has grown to unprecedented proportions because of the increase in leisure time the study of its history is also receiving increased attention.”

um determinado desporto. Como o desporto é uma questão de interesse atual, os museus de desportos fornecem o elo ideal entre o passado e o futuro.” (Triet 1991, 83) (tradução minha) ¹⁶

Podem ter expostos variados elementos, como esculturas, fotografias, livros, roupa, medalhas, troféus e podem dispor de exposições temporárias, onde expõe temas específicos, com o propósito de tornar conhecidas as coleções.

Para os clubes e para os seus adeptos, o património é intangível em formato de emoções e memórias, mas também pode ser tangível através de recordações, troféus, fotografias e vídeos.

Os museus de clubes, passaram de uma comum sala de troféus, para espaços amplos que são mais apelativos para o público, onde a história do clube e o seu lugar na sociedade passaram a ser expostos como um fenómeno desportivo e cultural. As instituições dos clubes, compõem e adquirem variados marcos históricos ao longo da sua existência. Os arquivos podem ser compostos por bolas de futebol, medalhas, troféus, recordações, documentos doados por adeptos, sendo que este é um legado tangível.

3. Sporting Clube de Portugal e Museu Sporting:

“(…) em 1906, seria fundado o Sporting Clube de Portugal, impulsionado sobretudo pelo pensamento, pela conceção do desporto e pela ação prática de José Alvalade.”
(Dias et al 2019, 29)

A fundação do Sporting Clube de Portugal remonta à data de 1 de julho 1906. Em “A história do Sporting Clube de Portugal – uma nova abordagem das origens aos anos Alvalade”, Luís Augusto Costa dias, enuncia que de todos os fundadores do Sporting Clube de Portugal, uma figura surgiu, José Alfredo Holtreman Roquette (José Alvalade). Com 20 anos, foi um dos incitadores para a constituição de um novo clube desportivo. Antes, a 8 de maio de 1906, foi realizada uma assembleia onde foram eleitos os primeiros constituintes de uma direção do clube, onde como Presidente ficou o Visconde de Alvalade e Vice-presidente José Alvalade.

¹⁶ “And some people are even moved by these museums to practice a certain sport. As sport is a matter of current interest, sports museums supply the ideal link between the past and the future.”

Foi durante uma assembleia realizada em julho desse ano, que “segundo Júlio de Araújo, a decisão definitiva sobre o batismo do clube acabou por ser determinada (...) e se fixou a denominação de Sporting Clube de Portugal.” (Dias et al 2019, 100) Não tendo datas em concreto desta assembleia, acredita-se que a reunião tivesse ocorrido no mês anterior, em junho, e que a 9 de junho de 1906 o clube tenha sido batizado em definitivo. (Dias et al 2019)

José Alvalade profetizou a vontade de tornar o Sporting num “grande clube, tão grande como os maiores da Europa”. (Dias et al 2019, 119)

Entre 1907 e 1908 foi criado o primeiro símbolo do Sporting C.P “o leão rampante, que compunha o anel braseado de Pombeiro.” (Dias et al 2019, 121)

Já em 1908, numa disputa futebolística contra o Sport Lisboa, o Sporting C.P apresentou a primeira camisola bipartida, verde e branca, e calções brancos. Este equipamento ficou depois conhecido com equipamento Stromp. Esta camisola é uma homenagem aos irmãos Stromp, Francisco Stromp (jogador, treinador de futebol, sócio fundador e dirigente do Sporting Clube de Portugal), António Stromp (atleta e sócio fundador) e José Stromp (jogador, dirigente e pertenceu à direção do Sporting Clube de Portugal).

Uma replica da primeira camisola e dos emblemas podem ser vistas no Museu Sporting. O Sporting C.P conquistou o primeiro título de futebol sénior na época 1911-1912.

“Sabe-se que, pelo menos em 1909, surgiram no clube duas modalidades que rapidamente se impuseram e adquiriram grande popularidade: o atletismo e o ciclismo, que viriam a representar, juntamente com o futebol, uma marca de sucesso desportivo no Sporting Clube de Portugal.” (Dias et al 2019, 149)

Em 1912, António Stromp, conquistou o 1º lugar nas provas de 100 e 200 metros nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, obtendo recordes nacionais. Stromp foi dos primeiros atletas a participar nas olimpíadas, inaugurando um percurso que tornou o clube numa das maiores potências olímpicas do mundo.

Em 1917, o clube mudou de sítio e passou a situar-se no Campo grande 412, onde foi contruído um estádio, com projeto de António do Couto, que foi casa do Sporting C.P no decorrer de 30 anos. António Couto, chegou a ser o sócio nº1 do Sporting C.P e também criou a Estátua Marquês de Pombal.

O Stadium de Lisboa, ou Estádio de Lisboa/Estádio do Lumiar, foi uma obra imaginada e ordenada a produzir por José Alvalade. Foi em 1937 que o Sporting C.P tomou posse do mesmo, fazendo remodelações nas bancadas de cimento, passando de 15000 lugares para cerca de 20000. Em 1947, Sporting C.P mudou de sede e passou a estar na Rua do Passadiço, Nº 86.

Durante as década de 40 e 50 conquistou dez dos vinte e três títulos de Campeão Nacional de Futebol e quatro Taças de Portugal. Época dos cinco violinos que conquistaram fama não só nacional, mas também internacional, formado pelos avançados da equipa principal de futebol do Sporting Clube de Portugal, Vasques, Peyroteo, Travassos, Albano e Jesus Correia. Foi uma designação criada pelo jornalista João Joaquim Tavares da Silva. Ao longo das três temporadas que jogaram juntos, conquistaram o tricampeonato nacional, uma taça de Portugal e os espetadores de futebol, pela arte, equilíbrio e comunicação que dispunham em campo. No início de cada época desportiva, o Sporting C.P, organiza o Torneiro Cinco Violinos em homenagem.

A 6 de Agosto de 2003, foi inaugurado o estádio atual, Estádio José Alvalade. O nome é em glória ao fundador do Clube, José Alvalade.

Com o propósito de recordar o passado de gloria e nas proezas alcançadas, o lema do Clube é fundamentado na convicção de “Esforço, Dedicção, Devoção e Glória. Eis o Sporting”.



Figura 1 - Emblema Oficial do Sporting Clube de Portugal (imagem retirada do site oficial)

“O Museu Sporting tem a responsabilidade e ambição de ser humanamente tão grande como o clube, em honra aos ideais progressistas dos seus fundadores que, no advento do séc. XX, precisamente em 1906, ano da fundação, sob a batuta de José Alvalade, alinhado com os mais esclarecidos da época no que toca ao pensamento desportivo, higiene, regulação, mulheres desportistas, espaço público e recintos apropriados, normas, preconizavam o desporto para todos, sem atender a género ou condição, defendendo a diversidade desportiva – o ecletismo e práticas saudáveis, em toda a sua asserção, física e mental.” (Victor 2021, s.p)

O Museu Sporting inicialmente era uma sala de Museu, onde estavam expostos os troféus que o Sporting C.P foi conquistando ao longo dos anos. Em 1994, através do Presidente Sousa Cintra, foi inaugurado o Museu – Sala de Troféus, no qual estavam exibidas réplicas de documentos, fotografias e os troféus.

Em 1995, tornou-se uma instituição onde passaram a ser cumpridas as ações próprias de um museu, como conservação, recolha de inventários e investigação. “Mundo Sporting”, era o nome anterior do Museu Sporting. Localizado no Complexo Alvalade XXI, o projeto foi fundado a 31 de agosto de 2004 pelo Dr. Dias da Cunha, ex-presidente do Sporting C.P entre 2000 – 2005, onde o primeiro diretor foi Mário Casquilho ¹⁷. Em 2016, o historiador Ricardo Serrado ¹⁸, passou a ter a função de diretor do museu, e criou um plano de modificação do mesmo. No dia 2 de julho de 2016, o museu passou a chamar-se “Museu Sporting”.

Logo após a saída de Ricardo Serrado, Isabel Victor ¹⁹, passou a ser a diretora do museu. Doravante, as mudanças foram acontecendo, havendo uma maior aposta nos serviços Museológicos, tais como, Centro de Documentação e Documentação Fotográfica, passou a haver um Centro de Memórias composto por registos audiovisuais de testemunhas e na preservação do Património Imaterial do Clube e um Centro Educativo. O Museu Sporting representa a memória e a identidade do Sporting C.P, onde

¹⁷ Em 1979, iniciou a sua ligação ao Sporting C.P Diretor do clube nas Secções de Natação e Pugilismo. Entre 1980 e 2013 teve vários cargos na instituição, como assessor da Direção e colaborador do Jornal Sporting e Secretário Geral do Sporting Clube de Portugal

¹⁸ Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais;

¹⁹ Licenciada em Sociologia pelo Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, foi diretora do Museu do Trabalho Michel Giacometti, do Departamento de Museus do Instituto dos Museus e da Conservação e foi coordenadora nos Museu Municipais de Setúbal

por intermédio das exposições, arquivos, imagens, vídeos e documentos se pode conhecer a história do Clube e o seu ecletismo.

No dia 7 de setembro de 2022, o Museu Sporting passou a integrar a Rede Portuguesa de Museus, sendo o primeiro museu de um clube desportivo a fazê-lo. O Museu completou 18 anos no dia 31 de agosto, permitiu que o seu ecletismo, história, a sua admissão na RPM e o seu futuro sejam celebrados

“A Rede Portuguesa de Museus é um sistema organizado de museus baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus, de diversas tutelas e vocacionados para diferentes coleções.” (República Portuguesa)²⁰



Figura 2 - Hall Vip, onde se inicia a visita ao Estádio José Alvalade

²⁰ Acedido a 14 de setembro de 2022

3.1. Centro de Memórias

“Outro projeto bandeira, e de grande aposta, é o desenvolvimento de um centro de memórias, que tem filiação em experiências anteriores da museóloga. O argumento é claro: falta dar visibilidade às histórias de vida que estão por trás dos troféus.” (Victor 2018, 77)

O Centro de Memórias foi o espaço de trabalho no decorrer do estágio. A partir do início do século XXI, os centros de memória têm sido instalados em várias instituições. O objetivo principal é o de o património imaterial ser preservado no formato oral, assim como o de reforçar a identidade e ratificar os princípios morais dos museus.

Desde 2017 que o Museu Sporting dispõe de um Centro de Memórias, que pretende gerar conexões entre passado, presente e futuro. As memórias são registadas metodicamente, o que as torna únicas. Várias são as pessoas que contribuíram e que continuam a contribuir, como adeptos, atletas e antigos atletas, familiares de adeptos falecidos, onde partilham as suas memórias relacionadas com o Sporting C.P.

Hugues de Varine, implementou esta ideia de registo de memórias no Ecomuseu²¹ de Creusot Montceau, em França.

“Nos primeiros anos do Creusot quando fazíamos uma exposição os objetos tinham sempre um sentido material e imaterial. Quando começámos a pensar nas questões científicas – porque a parte do inventário participativo, como dizemos agora, do património da comunidade, é uma seleção feita pela comunidade. Mas, depois é importante complementar e estudar os objetos, ou seja, a vertente técnico-científica. E no Creusot isso também aconteceu devido às relações estabelecidas com antropólogos, arqueólogos e outros especialistas. E cada vez que havia um programa de investigação sobre os objetos faziam-se recolhas de histórias de vida, recorrendo ao vídeo.” (Varine citado por Carvalho 2015,154)

²¹ “Um ecomuseu é um espaço público que reúne homens e mulheres em torno de projetos comuns para o território e seus habitantes. Estes projetos assentam no património natural, cultural, material e imaterial valorizado através de atividades de investigação e mediação que permitem recolher, preservar e partilhar o património.” (Acedido a 2 de agosto de 2022)

Para Isabel Victor, diretora do Museu Sporting “as pessoas da comunidade estão envolvidas nos processos que levam à identificação e patrimonialização dos bens materiais e imateriais que compõem o caldo cultural. Ao invés de serem um “recurso”, tornam-se “agentes” da ação museológica.” (Victor 2010, 202)

Visitas de Autor é uma das atividades proporcionadas pelo Centro de Memórias, onde várias personalidades ligadas ao Sporting C.P fazem uma visita guiada ao museu e partilham as suas experiências. As exposições temporárias são outro dos seus componentes.

A exposição “A sorte dá muito trabalho – Mário Moniz Pereira”, realizada por David Felgueira, Coordenador de Gestão e Programação Museológica – Técnico do Centro de Memórias do Museu Sporting, foi um dos trabalhos desenvolvidos através do Centro de Memórias. A recolha de testemunhos orais, em formato audiovisual de ex-atas com ligações ao Professor Mário Moniz Pereira, conhecido como “Senhor Atletismo”, foi professor, atleta e treinador, e essas declarações deram origem a uma homenagem ao mesmo.

Nathália Pamio, Técnica do Centro de Memórias com experiência na área da Museologia, contribui para o crescimento do mesmo através da implementação de vários projetos, como a recolha de testemunhos de visitantes em dias emblemáticos, como o Dia da Mulher, Dia dos Namorados, Dia do Pai e da Criança.

Uma das visitas que acompanhei, juntamente com os técnicos do Centro de Memórias, foi a da Senhora Prazeres Lagos, que foi convidada para ir ao museu depois de ter entrado em contacto para fazer uma doação de um cartaz, que o marido tinha realizado para as comemorações dos 100 anos do clube. O cartaz é uma das últimas memórias que tem do marido. Afirmou que foi preciso muito trabalho, muitas horas e recortes em jornais para o fazer. Passou horas a fazer colagens, medir e pintar. Comprou um pano verde grande e andou na marcha a segurar o mesmo com vários amigos e família. O que levou a Senhora Prazeres Lagos a querer partilhar o trabalho do seu marido, foi realizar uma homenagem ao falecido marido, Carlos Alberto Saraiva Lagos, sócio nº 23 946. A partilha do cartaz e de fotografias do Sr. Carlos foram importantes para ela, principalmente para manter a sua alma leonina ²² viva, sendo que a memória da

²² Por alma leonina designa-se alguém que vive o Sporting C.P de maneira apaixonada, que, de certa forma, vivem para o Sporting C.P

construção do mesmo marcou a Sra. Prazeres Lagos, pois recorda-se de todos os passos que o marido teve de dar para chegar ao resultado do cartaz. Este foi um dos trabalhos executados pelo Centro de Memórias, que permitiu que a história do Senhor Carlos fosse ouvida e partilhada com o Sporting Clube de Portugal.

Algumas fotografias doadas, foram digitalizadas pelo Centro de Documentação, sendo que algumas são as de quando veio visitar a construção do atual estádio e de quando participou na marcha dos 100 anos do Sporting.

“Cada um de nós tem um saber de vida e que é necessário utilizar, se não somos vítimas do saber dos outros. Trata-se de um princípio de Paulo Freire (1921–1997). Freire dizia que cada um de nós sabe muito e se valorizarmos o saber de cada pessoa temos uma riqueza enorme de saberes que podem ser utilizados para o desenvolvimento local, para a política e para tudo, inclusive para a gestão do património, para a criação de instituições educativas e instituições do tipo museu.” (Varine citado por Carvalho 2015, 155)



Figura 3 - Fotografia do Senhor Carlos com os netos no antigo Estádio José Alvalade
(fotografia cedida por Prazeres Lagos)

3.1.1. Centro de Documentação

O Centro de Documentações do Museu Sporting, constituído por Ana Raquel Parra, Técnica de Documentação e Adriana Santos, Estagiária na área da Documentação, tem o propósito de permitir recursos único para variadas pessoas, como redes televisivas, jornais, apaixonados do desporto ligados ao Sporting CP, pessoas que querem contribuir com património. O seu objetivo é organizar, catalogar, conservar, enumerar e tornar acessível o acervo.

As colaboradoras do museu têm uma abordagem transversal à documentação com uma preocupação de enriquecimento permanente e priorizando a documentação relacionada com as coleções.

3.1.2. Departamento de Restauro e Conservação

Este departamento é constituído por Magda Viana, Coordenadora de Gestão e Programação Museológica, Joana Loureiro, Técnica de Conservação e Restauro e Marta Santos, igualmente Técnica de Conservação e Restauro.

São responsáveis pelo bom estado físico dos seus itens de coleção. As técnicas do departamento supervisionam continuamente o estado do acervo, bem como as condições ambientais e técnicas das salas de exposição e dos depósitos. Colaboram com a gestão de coleções individuais e auxiliam na composição de projetos de exposição, realizam uma inspeção meticulosa e tratam da conservação, sendo que é uma parte intrínseca deste processo. No Museu Sporting, este departamento tem inventariados 1930 objetos, num universo que ainda está por estudar.

3.1.3. Centro Educativo

O departamento do Centro Educativo é formado por Joana Hortas, Técnica de Educação e Mediação Cultural, Alexandra Almeida, Gabriel Peralta e João Gameiros, estagiários de Educação e Mediação Cultural.

É um campo próprio dedicado a desenvolver e fortalecer o papel educativo no museu. Realizam visitas com crianças, onde preparam várias atividades, como caça ao tesouro, festas de aniversário e uma visita teatralizada, “Volta ao Sporting em 60 minutos – Teatro no museu”.

4. Local de estágio: O Conteúdo do Trabalho Praticado

No dia 6 de setembro de 2021, ocorreu o primeiro dia de estágio no Museu Sporting. O primeiro contacto com o mesmo foi feito a partir de uma visita realizada pelo guia João Gameiro e acompanhada por David Felgueira, Nathália Pamio e Joana Hortas. A partir da mesma, foi-me possível perceber que o Universo Sporting é muito maior do que o imaginado por mim. As memórias residentes no museu, não apenas do futebol, mas de todas as 55 modalidades que o Sporting C.P tem, permitem aprender a história do clube, a paixão e fascínio presentes.

Uma das atividades em que participei foi a da Visita dos Sócios com 75 anos de sócio com o Sporting C.P. Sempre que os sócios completam os 75 anos de atividades, é realizada uma pequena cerimónia em homenagem, pela dedicação, amor e devoção dos mesmos ao Clube Verde e Branco. Nesta cerimónia é entregue um emblema e o cartão de Sócio em ouro pelos presidentes, sendo que atualmente é o Presidente do Conselho Diretivo Frederico Varandas, a fazê-lo. Do qual no final, é efetuada uma visita ao Museu Sporting para recordarem e contar as suas experiências.

Nesta visita tive o encargo da distribuição de cartões com as informações sobre o Centro de Memórias, bem como o acompanhamento da mesma. Uma pequena curiosidade, é que de cinco em cinco anos é feita uma revisão dos sócios, e os números

dos mesmo mudam, porque são retirados os falecidos e os que finalizam a sua ligação com o Sporting C.P. Sendo que o clube tem mais de cem mil sócios.

Posteriormente, colaborei na higienização de espólio do museu, onde cada colaborador tem de usar luvas apropriadas para ter condições de manusear o troféu e efetuar uma limpeza via seca com um equipamento especializado. A concretização desta ação, deve ser desempenhada de forma suave, com especial atenção na força aplicada e com especial cuidado principalmente em áreas que possam ter sido danificadas.

É muito importante que sejam feitas manutenções regulares para prevenção de possíveis depósitos de sujidade superficial, como poeira, nas estantes ou outros materiais de apoio, mas também remover manchas.

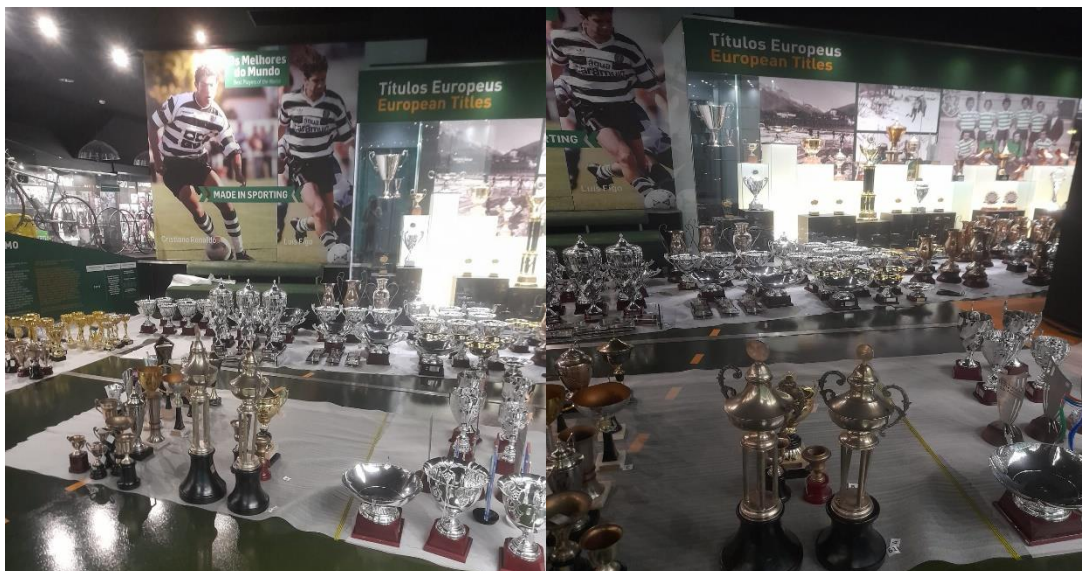


Figura 4 - 14-09-2021- Limpeza do Espólio (fotografias tiradas por mim)

A sessão de abertura do Festival de Cinema de Desporto, Lisbon Sport Film Festival, foi realizada no Museu Sporting, em parceria com a Sporting TV, onde foi feita uma homenagem ao Professor Mário Moniz Pereira, no âmbito das Comemorações do Centenário do seu nascimento. Foram visionados depoimentos de antigos atletas que prestaram a sua homenagem, como Carlos Lopes, antigo atleta de atletismo olímpico por Portugal, Eulália Mendes, Domingos Castro, Artur Lara Ramos, Carlos Conceição Lopes (ex. integrantes de equipas de atletismo do Sporting C.P).

Este festival de cinema sobre o desporto é único em Portugal. A finalidade é a de impulsionar, divulgar, refletir e dar valor ao mundo cinematográfico do desporto.

Outra atividade em que estive presente foi a visita técnica ao Museu da Farmácia em Lisboa. Estas visitas são de extrema importância, pois permitem criar relações entre o universo profissional dos museus e as equipas técnicas. Nestas é possível analisar o meio real do museu, a organização, para além de ser possível conhecer as coleções e os trabalhos realizados pelos distintos departamentos. O Museu da Farmácia foi inaugurado em 1996, relata toda a história da farmácia desde o presente, com a conquista do espaço, até ao nosso passado mais remoto. Possui uma grande coleção de itens relacionados à farmácia, saúde e medicina de todo o mundo e especialmente de países europeus, com várias salas de farmácia inteiras reconstruídas de diferentes épocas.

Um cuidado que têm é que estão atentos ao património que possa estar esquecido e que conseguem salvar para o preservar.



Figura 5 - Exposição Museu Da Farmácia (fotografia tirada por mim)

As visitas técnicas também são efetuadas no Museu Sporting. Uma das visitas técnicas realizadas ao Museu Sporting, foi feita pelos alunos da turma de museologia da Universidade Lusófona. Durante a mesma foi possível fazer a visita completa, Estádio – museu, onde puderam tirar dúvidas existentes e entender mais sobre a história do museu e do clube. No final foi realizada uma pequena conversa entre os visitantes, a Diretora do Museu Sporting, Isabel Victor e os representantes da equipa do museu, Nathália Pamio, David Felgueira e Magda Viana.



Figura 6 - Visita Técnica Turma Museologia ULHT

No decurso do estágio presenciei a entrega de diferentes taças, como o Campeonato do Mundo e Bicampeonato Europeu feminino e Taça de Portugal e Supertaça masculino de Goaball, ganhas durante a época de 2020-2021. Mas também o Campeonato Nacional, Liga Europa 2020-2021 e Taça Continental pela equipa de Hóquei em Patins 2021-2022. As cerimónias têm a presença dos atletas e equipas técnicas, e do Presidente do Conselho Diretivo, neste caso Frederico Varandas, que apoiam e felicitam os atletas pelas conquistas.

Para além disso cooperei em variadas tarefas como acompanhamento de visitas, pesquisas, apoio técnico e investigação para o trabalho académico.



Figura 7 - Projeto de Natal (fotografia tirada por mim)

4.1. Trabalho de campo

“O campo é um trabalho, não uma passagem, uma visita ou uma presença. O trabalho de campo não vai somente ao campo, ele fica ali e, acima de tudo, *trabalha ali*” (Beaud *et al.* 2007 [1997], 9)

Através de um contacto inaugural com as pessoas, em primeiro lugar feita pelo meu coordenador no Museu Sporting, David Felgueira, que após esse momento me passava os contactos, foi realizada uma investigação introdutória sobre a história de cada pessoa que ia ser entrevistada, pois, deste modo, a etnografia requer a presença, reciprocidade e colaboração, “estar com” e “fazer com”. Para esse propósito obtive informações através do Centro de Documentações, pesquisa no museu, arquivos (Anexo Figura 11 – Exemplo de um Jornal Sporting pesquisado nos arquivos do museu) e Internet.

Em “Some Reminiscences and Reflections on Fieldwork”, Evans Pritchard evidencia a importância da aprendizagem teórica antes de se ir para o terreno, por conseguinte, o etnógrafo terá os recursos teóricos essenciais para saber o que é importante no terreno. Ao longo da investigação é pretendida flexibilidade, capacidade de análise e de comunicação. Foi realizado também um guião com as perguntas a serem concretizadas, bem como um protocolo de autorização para a gravação e obtenção de imagem, que era assinado no final. A entrevista etnográfica não começa no momento da gravação, começa nas etapas exploratórias.

“É melhor pensar nas entrevistas etnográficas como uma série de conversas amigáveis nas quais o pesquisador lentamente introduz novos elementos para ajudar os informantes a responderem como informantes.” (Spradley 1979, 464) (tradução minha) ²³

Em “Participant Observation”, Spradley transmite que existem quatro aspetos básicos que direcionam o investigador durante o trabalho de campo, a acessibilidade que é dada ao investigador para poder trabalhar no campo, a não-intrusão, a permissividade, isto

²³ “It is best to think of ethnographic interviews as a series of friendly conversations in which the researcher slowly introduces new elements to help informants respond like informants.”

é, situações que permitam alguma liberdade ao investigador num determinado contexto, e a participação. (Spradley 1980, s.p)

O procedimento utilizado para a recolha dos testemunhos para o projeto e para o Centro de Memórias foi a gravação oral e visual. Antes das gravações, havia um processo de montagem do local, mudar cadeiras ou sofás, adaptar a câmara de filmagem ao lugar, testar o som e a luz. Algumas vezes foi preciso utilizar painéis de luz para as cores ficarem salientadas. Na primeira filmagem, consegui obter informações importantes sobre a câmara de filmagem com a ajuda do Coordenador David Felgueira, que explicou os pontos chave a serem aplicados, bem como o seu funcionamento.

“A primeira função das imagens em antropologia foi (e é) documentar, isto é, criar algo portador de informação que traz em si a inscrição e o registo de um acontecimento observável ou verificável.” (Ribeiro 2005, 621)

As entrevistas foram efetuadas numa sala anexa do Museu Sporting, onde se situam os escritórios do museu, uma sala ampla que tem ao dispor mesa de snooker, jogos de tabuleiro, espaço de pausa e zona de refeitório. Esta sala permitiu assim ser um ponto chave para que as pessoas se sentissem em “casa” pois tinha objetos alusivos ao Sporting C.P. As entrevistas eram agendadas de modo prévio, para assim permitir uma melhor preparação das mesmas.

Todos os entrevistados eram acompanhados até ao momento das gravações por mim ou por outro técnico do Centro de Memórias. No final das mesmas, era possível fazer uma visita ao museu onde podiam partilhar as suas histórias e recordar momentos vivenciados no clube.



Figura 8 - Acompanhamento de uma visita ao Museu Sporting no final da entrevista

No decorrer da recolha dos depoimentos, era pedido que contassem as suas histórias de vida em relação ao Sporting C.P. Aqui solicitou-se ao informante que nos descrevesse a sua história pessoal. Geralmente complementa-se as entrevistas com documentos pessoais do entrevistado, que em seguida eram entregues ao Centro de Documentação para serem inventariadas e assim ficarem disponíveis para consulta. (Anexo Figura 12 - Exemplo de Cartaz que foi inventariado após a entrevista)

O contexto de recolha das histórias de vida é complexo, tem ritmo, espelha um posicionamento por parte do interlocutor e a perceção que este tem da pessoa que o entrevista. Foi importante ter em atenção que por vezes poderia haver certos entraves do interlocutor.

Por vezes, pode haver uma dificuldade para obtermos os resultados, e Óscar Lewis dá-nos conta dessas resistências e, dizendo: “Era difícil obter a sua confiança, mas quando finalmente concordou em deixar-me gravar a sua história, isso contribuiu para estreitar a minha relação com os filhos.” (Lewis 1970, s.p)

Ocasionalmente, surgiam pessoas no museu para conversar ou visitar, e os mesmos tinham memórias que eram identificadas como importantes para o Centro de Memórias e para o projeto. Assim sendo, eram convidados a partilhar os seus momentos de uma maneira espontânea.



Figura 9 - Sala anexa ao Museu Sporting, onde se realizaram as entrevistas (fotografia tirada por mim)

5. Estudo de caso:

5.1.A família Leonina: uma vida de Sporting Clube de Portugal

“A família não é um simples fenómeno natural. Ela é uma instituição social que varia ao longo da história e até apresenta formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja a ser observado.” (Prado 2017, s.p.)

O termo família tem sido um objeto de estudo constante na Antropologia. Para Danda Prado, psicóloga social, na obra “O que é família”, estudos antropológicos a respeito de culturas e povos, clarificam-nos sobre o que é uma família, como é e como eram. Demonstram como se foram modificando ao longo do tempo e como evoluíram. Em 1913, Bronislaw Malinowski, escreveu um livro intitulado “The family among the Australian aborigines”, onde argumentou que a família é um “esse conjunto delimitado de pessoas que se reconhecem e que são distinguíveis de outros grupos semelhantes; um espaço físico definido, um coração e um lar, um conjunto particular de emoções, amor familiar.” (Collier *et al* 1982,73) (tradução minha) ²⁴

De acordo com Donald Bender, antropólogo americano, o conceito de família deve ser definida “estritamente em termos de relações de parentesco e não em termos de coresidência” (Bender 1967,493) (tradução minha) ²⁵

De forma sucinta, uma família é um grupo de duas ou mais pessoas relacionadas por nascimento, casamento ou adoção e que por norma vivem juntas. Mas nem sempre família é alguém com quem se cresce, pode ser uma pessoa, ou várias, que não sejam relacionadas. (Prado 2017, s.p)

Para Marc Áuge, em “Os Domínios do Parentesco”, “família deve ser distinguida do grupo doméstico (household ou domestic group) – uma unidade de residência, de produção e consumo, uma unidade que se define em função de outros critérios que não

²⁴ “Bounded set of people who recognize one another and who are distinguishable from other like groups, a definite physical space, a heart and home, a particular set of emotions.”

²⁵ “Family, as kinship units, must be defined strictly in terms of kinship relationships and not in terms of co-residence”

os do parentesco ou das alianças matrimoniais. O grupo doméstico pode ser composto de pessoas entre as quais não existe nenhum laço de parentesco ou pode reunir várias unidades familiares.” (Áuge 1978, 52) Podem não partilhar o mesmo espaço habitacional, mas sim um espaço de atividade social, como um estádio de futebol. O fator emocional é um dos motivos para que haja possibilidade em associar-se a esse grupo.

“Para Halbwachs transmitir uma história, sobretudo a história familiar é transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo. À individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade mais ampla. expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar.” (Barros 1989, 33)

São os pais que resolutamente buscam incutir os seus valores sobre os interesses, neste caso o interesse é o Sporting C.P, aos seus filhos. Segundo Daniel Wann, professor de psicologia, poder estar a realizar algo que se gosta com a família, é o que variadas vezes influencia os adeptos desportivos a desfrutar de uma situação de felicidade e deste modo fortificar os laços familiares.

O amor por um clube vai sendo passado de geração em geração, de pais para filhos ou dos avós para os netos, quase como se fosse uma herança a ser passada de mão em mão. Os entrevistados para o projeto contaram qual foi o modo em que foram iniciados no Sporting. Carlos Canário ²⁶, antigo jogador do Sporting C.P e filho de uma lenda do clube, contou que sempre foi sportinguista, tendo nascido numa família que sempre apoiou o clube verde e branco. Já Juvenal Carvalho ²⁷, redator do *Jornal Sporting*, é desde miúdo do Sporting C.P. Mesmo tendo crescido numa família que apoiava o Belenenses, aprendeu a amar o Sporting C.P através de uma grande referência desportiva, Héctor Yazalde, mais conhecido por Chirola, antigo jogador do Sporting. Para Victor Cândido, jornalista desportivo e aficionado do Sporting C.P, quem o fez apoiar o clube foi o seu primo.

“Nas pesquisas que realizei sobre a representação de família no universo de camadas médias, o papel do mensageiro da memória ou do narrador é desempenhado, em um caso, pelos avós e, em outro, pelo que denominei de guardião da memória familiar.” (Barros 1989, 34)

²⁶ Entrevista realizada no dia 11 de fevereiro de 2022 às 11:00 horas, na sala anexa ao Museu Sporting, em conjunto com a Nathália Pamio

²⁷ Entrevista realizada no dia 3 de março de 2022 às 15:00 horas, numa sala anexa ao Museu Sporting, juntamente com Nathália Pamio

Familiares, como os pais ou avôs, que estejam ligados ao clube, manifestam uma enorme vontade que os filhos ou netos sejam iguais, e muitas vezes tornam nos sócios imediatamente após o nascimento. Numa das entrevistas realizadas, Mariana Silva ²⁸, contou que no ano passado nasceu a sua primeira sobrinha e após vinte minutos do seu nascimento a fizeram sócia do Sporting C.P. Para ela *“agora é o meu dever e o dever de todos nós transmitir-lhe os valores do Sporting e o que é ser do Sporting.”*

A banda de apoio ao Sporting C.P, “Supporting”, tem uma música de apoio que se chama “De geração em geração”, e contem os seguintes versos:

*“Passar este amor, esta paixão
De geração em geração
É a obrigação
De todo e qualquer leão
Crescer e aos putos ensinar
Esta forma de viver
E ao Mundo gritar
Sporting até morrer”* (Youtube Supporting, 2016)²⁹

A maioria dos clubes, tem noção como os adeptos ficam satisfeitos quando sabem que o amor, dedicação e trabalho são reconhecidos, por isso, um dos exemplos de agradecimento feito pelo Sporting C.P aos adeptos, foi a campanha desenvolvida na época de 2017/2018 com o lema *“O Sporting é feito de ti e tu és feito de Sporting - Tu não és mais um, és um de mais de três milhões e meio. Tu não és do Sporting, tu és o Sporting - Nós não fomos feitos um para o outro, nós somos feitos um do outro. O Sporting é a soma de todos nós.”* (Youtube Sporting Clube de Portugal, 2017)³⁰

Segundo Mariana Silva, *“o Sporting C.P é, havia uma frase eu não a sei dizer com as palavras certas, mas que das coisas menos importantes é a mais importante. E é de facto a mais importante porque o sporting é família e são muitas histórias.”*

²⁸ Entrevista realizada a 9 de fevereiro de 2022 às 15:00 horas, na sala anexa ao Museu Sporting onde foi montada a máquina de filmagem com o microfone e foram mudados os sofás de sítios para se conseguir filmar tudo., em conjunto com a Nathália Pamio

²⁹ Acedido a 5 de julho de 2022

³⁰ Acedido a 5 de julho de 2022

Em “Futebol ao Sol e à Sombra”, escrito por Eduardo Galeano, os adeptos raramente afirmam que a equipa joga naquele dia. Por contrário, dizem “*Nós jogamos hoje*”.

“Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem adeptos é como dançar sem música.”

(Galeano 2004 [1995], 20)

Durante a entrevista realizada com João Alves, Secretário Técnico Hóquei em Patins/ Coordenador Multidesportivo, conseguimos perceber que para os adeptos eles são um só, “*Nós somos mesmo um só. Aquilo que o Rúben Amorim disse é mesmo verdade, eu acredito que ele tenha dito essa frase, que acabou por ser uma frase que influência muitos Sportinguistas atualmente, porque sentiu isso do clube. Porque isso é o que nós defendemos desde sempre, não há vitórias maiores ou menores, não há vitórias do futsal ou do andebol ou do hóquei em patins, há vitórias do Sporting.*”

De acordo com Mariana Silva, “*o Sporting sempre foi família, eu sempre me lembro de vir em família ao estádio e, portanto, a família e o Sporting misturam se muito. Nós somos uma família normal, 4 irmãos, mas vimos sempre regularmente ao estádio, entre irmãos e com os meus pais e somos presença assídua no estádio e também no pavilhão e o Sporting é a nossa vida (...) o Sporting não é só futebol, não é só as modalidades, o Sporting é um modo de vida. E, portanto, é impossível eu separar o Sporting do que nós somos. E, portanto, é uma alegria enorme eu pertencer, ser parte deste clube.*”

Segundo com um estudo realizado pela universidade europeia, em colaboração com a St. John’s University, Nova Iorque, Estados Unidos da América, e com a Auckland University of Technology na Nova Zelândia, intitulado “Adeptos leoninos são os que sentem mais próximos do clube”, os adeptos do Sporting C.P são os que sentem mais proximidade com o clube. Neste estudo foram analisados cinco aspetos: análise de poder, urgência, legitimidade, interesse e identificação com os emblemas, sendo que foram entrevistados 730 adeptos de três clubes distintos (Sporting C.P, Futebol Clube do Porto e Benfica). Em todos os fatores, os adeptos do clube verde e branco foram os que tiveram mais pontos em comparação com os outros adeptos do FCPorto e Benfica. (Jornal A Bola)

O sentimento de pertença é uma das razões que influênciam os adeptos a ter certos comportamentos, como o sentido de conexão. De acordo com Pedro Dionísio, em “Fandom affiliation and tribal behaviour: a sports marketing application”, a afiliação procede das histórias, símbolos semelhantes e do processo da visualização do clube como parte da sua própria identidade, sendo que lhes proporciona uma ligação com uma comunidade com interesses iguais.

“É o apoio dos adeptos que sustenta a indústria do desporto e como explica Taylor (2004) “os fãs são a autoridade suprema sem a qual o núcleo dourado do jogo não tem moeda”.” (Dionísio et al 2008,18) (tradução minha) ³¹

Na maneira desportiva, o amor demonstrado ao clube é mostrado pelo apoio que os adeptos têm à sua equipa de preferência, assim como em demonstrar ao mundo o amor que têm pelo clube. Isto porque, o adepto tem uma ligação prolongada e coerente com o clube. A ligação emocional que o público desportivo apresenta com as suas equipas, segundo Daniel Seabra e Joana Rodrigues, em “Futebol como ritual” de 1998, fez com que certas atitudes e comportamento passassem a ser vistos como um ritual da sociedade contemporânea. Para Martine Segalen “o rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica.” (Segalen 2002, 31)

O ser leal a um clube é um dos compromissos que os adeptos têm. Para Allan Tapp, em “The loyalty of football fans – we’ll support you evermore”, os adeptos possuem uma variedade de comportamentos e atitudes de lealdade, sendo que alguns exibem padrões de lealdade relacionado com a atitude, com o modo que se comportam em relação ao clube. Quando se sentem realmente ligados ao clube, demonstram que têm um nível de compromisso alto para com o clube.

“O apoio ao clube expressa-se, segundo Bromberger, não apenas pela exaltação da virilidade, a vida e da superioridade do clube predileto, mas também pela descredibilização e humilhação dos clubes adversários. Neste sentido, o apoio aos dois clubes em presença durante um jogo de futebol poderá ser perspectivado, de acordo com o autor, como uma guerra ritualizada entre adeptos.” (Seabra 1999, 142)

³¹ “It is the support of fans that underpins the sports industry and as explained by Taylor (2004) “the crowd is the supreme authority without which the golden core of the game has no currency””

Ao assistir nos estádios ou em vídeos às músicas entoadas, podemos constatar que existem as músicas gerais (as que são cantadas por várias claques e que normalmente enaltecem a equipa ou desvalorizam a equipa adversária), mas também as músicas que elogiam as qualidades da equipa. Muitas vezes através das performances artísticas nos jogos, conseguem que a equipa tenha uma melhor performance. O apoio deles é essencial.

Ao observarmos os adeptos e a execução do que praticam, percebemos que o trabalho que têm para que tudo esteja concluído e seja apresentado um autêntico espetáculo durante os jogos, pode ser um trabalho demorado. Assistir a um jogo de futebol é como assistir a uma arte cênica. Um cidadão comum, que não partilhe dos mesmos gostos dos adeptos de desportos, pode ficar confuso com a linguagem que usam. Para Desmond Morris, em “A Tribo do Futebol”, existem certas terminologias que somente são percebidas por quem se identifica com o clube e com os seus conceitos. Portanto, apenas os que partilham o amor e o sentimento em comum pelo clube conseguem perceber determinados códigos culturais.

Segundo Claude Rivière e Albert Piette, em “Les rites profanes”, no futebol o espetáculo é uma religião, onde os adeptos reúnem-se na “*catedral de betão*” e presenciam acontecimentos de deslumbramento. Para eles, o estádio é um sítio que deve ser frequentado exclusivamente por aqueles que querem dar apoio à sua equipa. (Seabra et al 1998, s.p)

“Da conjugação harmoniosa destes elementos emerge um espetáculo total, baseado numa teatralização codificada e por vezes paródica da pertença ao clube.” (Seabra 1999,2)

Os cânticos são o elemento central dos apoiantes, e através dela querem mostrar o apoio. As ações de cantar, elevar os cachecóis, aplaudir e movimentar bandeiras ou tarjas, são realizadas por quem está no estádio.

No início de cada jogo do Sporting C.P, todos os adeptos levantam os cachecóis, que serve para fortalecer a união entre os atletas e apoiantes, e juntos entoam o cântico “*É dia de Jogo*”.

*“É dia de jogo, toda a gente sabe que eu vou
Andar nas rulotes e cafés*

O Sporting apoiar no estádio a cantar

E p'ra semana cá estou outra vez” (Youtube Sporting, 2021)³²

Uma atitude dos adeptos Sportinguistas que percorreu o mundo, foi o apoio que demonstraram aquando de uma derrota na Liga do Campeões contra o Manchester City. Juntos, continuaram a apoiar a equipa, com palmas e a gritar pelo Sporting C.P. De acordo com João Alves, *“o futebol ganha, mas se o futebol não ganhar, o Sporting vai existir sempre e prova disso é a história recente. O Sporting nunca vai acabar. Porque há este conceito de “ok o futebol não ganha, mas nós vamos continuar a ser do Sporting”, nós não rasgamos cartões, não queimamos bandeiras, não há nada disso.”*

Segundo Mariana Silva, *“o ir ao estádio cantar a marcha do Sporting é uma coisa indescritível e ainda me emociono muitas vezes a ouvir a marcha.”* A marcha do Sporting C.P, é cantada por Maria José Valério.

“O Sporting nasceu um dia

Sob o signo do leão

Nós aprendemos a amá-lo

E a trazê-lo no coração

Rapaziada, ouçam bem o que eu lhes digo

E gitem todos comigo: Viva ao Sporting!

Rapaziada, quer se possa ou se não possa

A vitória será nossa, viva ao Sporting!” (Youtube Maria José Valério – Marcha Sporting, 2021)³³

Na época desportiva, 2020/2021, e 19 anos após a conquista a última conquista de Campeão Nacional, o Sporting C.P, sagrou-se campeão nacional de futebol. Para Mariana Silva, o mais importante deste dia foi o facto de estar acompanhada com a família, poderem comemorarem juntos o tão aguardado título de campeões. Mariana contou, *“tinha de estar ao pé da minha família porque eu tinha de os abraçar quando fomos campeões. E foi isso que aconteceu e eu vi o jogo com os meus irmãos, até vimos aqui ao pé do estádio porque era a forma mais rápida de viemos receber a equipa e estar aqui, mas depois arranjam um sítio para ver o jogo e quando soou aquele apito final, eu só me lembro de me abraçar aos meus irmãos e de chorar.”*

³² Acedido a 5 de julho de 2022

³³ Acedido a 5 de julho de 2022



Figura 10 - Taça de Campeão Nacional 2020-2021 que pode ser vista no Museu Sporting

“Todos os tempos partem, e o clube mantém se. E mantêm-se sendo campeão. Portanto o Sporting, o Sporting é feito de pessoas e hoje dediquei uma coluna de opinião aos funcionários, aos fisioterapeutas, àqueles que são a retaguarda do sucesso. É porque há tanta gente que vem para o Sporting, prejudicando os seus, prejudicando a sua família, que nós não conseguimos perceber a dimensão dessas pessoas e o que essas pessoas fazem pelo Sporting. É que é muitos anos de dedicação. É isso que é o Sporting, que é feito dessas pessoas” (Juvenal Carvalho)

5.2. “Razão de Ser” / As Primeiras Memórias do Sporting Clube de Portugal

O projeto desenvolvido durante o estágio no Museu Sporting – Centro de Memórias, foi elaborado a partir de recolhas de testemunhos sobre as Primeiras memórias que possuíam sobre o Sporting C.P. A escolha do título incidiu sobre Razão de Ser/ As Primeiras memórias do Sporting Clube de Portugal.

Razão de ser, alude ao primeiro boletim informativo do Sporting C.P. Este boletim, começou a ser editado no dia 31 de março de 1922 e pretendia manter os sócios e apoiantes do Sporting C.P, numa época onde a divulgação era difícil, informados sobre as últimas notícias do clube. Este ano, 2022, o Boletim, que depois passou a ser o *Jornal Sporting*, fez 100 anos. O *Jornal Sporting*, é editado semanalmente, e é uma ferramenta prestigiada e relevante na divulgação dos trabalhos do clube, na imortalização da história e na salvaguarda das ambições do clube.

“Desde 1922 muita coisa mudou, mas também muita permanece atual, ganhando até mais *Razão de Ser*.” (*Jornal Sporting* Anexo figura 13)

As primeiras memórias que os indivíduos têm sobre o clube, são muitas vezes a *Razão de Ser* do mesmo, é isso que os leva a serem apoiantes e a crescerem com a instituição. Para Saul et al, em “On earliest memories. The Psychoanalytic Quarterly”, as “primeiras memórias são um termo usado na terapia psicanalítica para designar aquelas poucas lembranças isoladas que geralmente precedem o início da lembrança continua.” (Saul 1956, 228) (tradução minha)³⁴

Autores como Peter Malinoski e Steven Lynn, em “The plasticity of early memory reports: Social pressure, hypnotizability, compliance and interrogative suggestibility”, (1999), perceberam que ao perguntarem duas vezes, mas em momentos diferentes de entrevistas, quais as primeiras memórias, as respostas iriam ser diferentes, tal não

³⁴ “Earliest memories or first memories are terms used in psychoanalytic therapy to designate those few isolated recollections which usually precede the beginning of continuous remembrance.”

aconteceu nas entrevistas que realizei, as memórias partilhadas eram as mesmas, tanto no início como no fim.

Quando iniciei a pesquisa para o estudo, encontrei um artigo no *Jornal Sporting*, escrito por Juvenal Carvalho, em que contava a primeira memória de um amigo de infância em relação ao Sporting C.P. Juvenal dos Santos Carvalho, um dos entrevistados, contou que começou desde muito cedo a ter uma ligação com o Sporting C.P. Foi diretor do basquetebol, onde entrou pelas mãos de Edgar Vidal, quem considera ser um amigo, pai desportivo e irmão. Entrou no basquetebol sem nunca ter jogado, e permaneceu de 1988 a 1995. Em seguida, esteve dois anos no andebol e no futebol juvenil. Foi presidente do núcleo Sportinguista de Paço de Arcos, a vila onde viveu e cresceu. Atualmente escreve para o *Jornal Sporting*, onde começou por fazer crónicas sobre o futebol de cinco, atualmente conhecido por futsal. Considera que é um privilégio escrever para o Jornal, pois “*o Sporting como percebem é toda uma vida, toda uma experiência de vivência.*”

No que diz respeito ao artigo no *Jornal Sporting* sobre a primeira memória do amigo, Juvenal, refere que “*Mário Franco, que é de um bairro rival do meu, ele é da Madragoa e eu sou do bairro da bica. Estudámos os dois no liceu Paços Manuel, somos amigos, como eu costumo dizer do tempo do paleolítico. É daqueles amigos de sempre. O Marinho fez a primeira memória dele do Sporting em forma de poema, porque é um autodidata da poesia, escreve poesia como poucos, e saiu essa crónica.*”

“No velho peão de Alvalade
não sei se foi cedo ou tarde
perante o estádio cheio
a sul e a norte
nasci eu, leão
por minha sorte.
Às cavalitas de ti, irmão
e de um amigo,
vi as fintas e as defesas
os ataques e o aliviar do perigo.
Um jogo empolgante e europeu
muito mais verde e branco fiquei eu.
E quando, um dos nossos teve essa coragem,

de quebrar, a trazida desvantagem,
no estádio se sentiu essa linhagem,
de Esforço, Dedicção, Devoção e
Glória na passagem.

E se o sangue verde já era,
não mudou,
mesmo com a tristeza no final
ao ser eliminado,
alguém sem noção me perguntou:
se queria mudar para o outro lado?
Eu disse: Não!

Por saber, o futuro verde branco
estar traçado!” (Juvenal Carvalho *Jornal Sporting* julho de 2021)

“Porque é realmente a primeira memória dele e todos nós que somos do sporting temos a primeira memória, temos a nossa recordação para sempre. É difícil não nos lembrarmos do primeiro momento do sporting.” (Juvenal Carvalho)

Relativamente à primeira memória de Juvenal, foi o primeiro jogo que viu do Sporting C.P, época de 73/74, temporada em que foram campeões, um jogo com o Boavista que se recorda como o melhor presente que lhe deram. *“Ligava pouco ao Natal, ligava pouco às oferendas, porque na minha família sempre houve o culto de oferecer, de dar prendas durante o ano inteiro, não temos muito o espírito natalício, e foi uma prenda que o meu falecido avô me deu, foi ter me trazido a Alvalade ver o jogo no ano em que fomos campeões.”*

Considera que tem uma loucura saudável pelo clube, *“porque vinha tantas vezes sozinho, via treinos, via jogos, via tudo. Das camadas jovens do hóquei em patins, basquetebol, andebol, ainda nem sonhava entrar como dirigentes pela porta de dirigente do sporting. São momentos que é difícil expressar sem que me invada alguma emoção a falar convosco. Para mim é muito gratificante. Essa foi a minha experiência de tantas experiências que vivenciei ao serviço do sporting.”*

O que Juvenal Carvalho, e outro dos entrevistados, João Alves têm em comum, é o amor pela instituição Sporting C.P. Ambos fizeram o caminho desportivo em diferentes modalidades, um no basquetebol e o outro em hóquei, mas têm apreço por todas elas.

João Manuel Matos Alves³⁵, Secretário Técnico Hóquei em Patins e Coordenador do Multidesportivo, começou desde muito cedo a sua ligação com o Sporting. Considera o hóquei em patins a sua modalidade de eleição e a modalidade de coração. Jogou hóquei em patins em Paço de Arcos, onde criou uma amizade que considera ser para a vida. Esse amigo convidou o para se juntar a um grupo de pessoas com o intuito de realizarem um projeto de subida à primeira divisão com a equipa de Hóquei em Patins do Sporting. Subiram à primeira divisão com esse projeto e comprometeram-se em iniciar a formação do clube. Começaram com o escalão mais baixo de infantis e naquele ano, 2001/2002, foram campeões nacionais. A determinado momento deste trajeto, toda a estrutura do hóquei era voluntária. A direção do clube oficializou a modalidade e, no primeiro ano em que a modalidade é tornada oficial, foram vencedores da taça CERS, que é o equivalente à Liga Europa/Taça Uefa.

Recorda-se da sua primeira memória ser de quando era muito novo. *“Tenho memória de puto e de ser do Sporting, porque tenho um irmão mais velho, 8 anos mais velho, que foi sempre a minha referência paternal. Sou filho de pais separados, portanto, a minha figura paternal era o meu irmão, porque era efetivamente 8 anos mais velho e as minhas memórias de infância são sempre em ser igual ao meu irmão. O meu irmão é sportinguista desde que eu me lembro, desde pequenino, e a minha mãe também, e vivendo apenas com a minha mãe e com o meu irmão, sabendo hoje que os valores que um Sportinguista deve ter na vida são aqueles que eu atualmente defendo, mas olhando para eles e crescendo com eles naturalmente se eu quisesse ser boa pessoa tinha de ser do Sporting. E as primeiras memórias que eu tenho é de infância ouvir falar do Sporting, ter referências de símbolo Sporting. Lembro-me perfeitamente dos famosos 7 a 1, lembro-me de estar num fim de semana com o meu pai, não sei se foi um fim de semana, eu estava com ele à tarde, e recordo me perfeitamente dos 7 a 1 e de estar a viver aquilo de ouvir na rádio, estava com o meu pai.”*

Tem memórias desde muito novo, possui fotografias com o equipamento e garante que se revê nos valores que o Sporting tem. Valores esses que são partilhados por todos entrevistados, sendo que a dedicação que têm ao clube é um deles. Tal como João Alves,

³⁵ Entrevista realizada no dia 25 de novembro de 2021 às 17:00 horas, na antiga sala do Centro de Memórias, em conjunto com o David Felgueiras

também Mariana Silva, sabe que a história da instituição Sporting C.P, requer muito trabalho.

Mariana Braga de Miranda Duarte Silva, bisneta de uma antiga lenda do futebol, João Francisco e neta de uma lenda do andebol do Sporting C.P, dirigente e antigo diretor desportivo na altura dos cinco violinos. Lembra que é sócia desde miúda e as primeiras memórias que tem são das idas a Alvalade com o avô. *“Não tenho uma memória muito vivida, mas, lembro-me de entrar no estádio e os lugares do meu avô eram por baixo do anel olímpico. E eu lembro-me só da alegria de entrar no estádio com o meu avô, lembro-me de ir com ele pela mão e de ele me levar ao estádio e de depois de tantos jogos de que vi em Alvalade, antes da inauguração deste novo estádio. Lembro-me particularmente também de um aniversário em que, devia ter 7 ou 8 anos ou 10 anos, e o meu avô deu me um cartão que dizia “como presente aqui tens o teu cartão de sócio do nosso sporting”, e aquele momento, nunca mais me esqueci e desses cartões que eu ainda hoje tenho.”*

Relembra com afeição uma entrevista que o avô deu ao *Jornal Sporting*, antes da inauguração do atual estádio, *“uma das últimas frases dessa entrevista marcou me profundamente, nunca tinha reparado nela e o meu avô diz qualquer coisa do género, na altura devia ter oitenta e tal anos e dizia que “agora estamos a construir um novo estádio, e vamos ter um novo estádio imponente como será sempre para o nosso clube. E se eu puder entrar neste novo estádio e estar neste novo estádio, eu morrerei feliz.”*” Com quase noventa anos, o seu avô foi à inauguração do mesmo e assistiu a muitos jogos. E para Mariana, pensar no Sporting C.P, é pensar no avô Toni. Lembra-se também do emblema dos 75 anos de sócio do Sporting C.P que o avô usava todos os dias na lapela do blazer, e para ela *“é uma imagem que também nunca vou esquecer.”*

Tal como o bisavô de Mariana Silva, também Carlos Canário, foi futebolista no Sporting C.P, tendo em comum a paixão pelo futebol.

Antigo futebolista do Sporting e filho de antiga glória Sportinguista, Carlos Manuel Elvas Canário, começou por recordar o pai, homónimo de nome, que começou a jogar no Estrela de Portalegre. Foi jogador do Estrela até aos 19 anos, depois veio jogar para o Sporting C.P, onde ficou até ao fim da carreira. Era um homem perfeitamente normal, homem de família, prezava a mulher e os filhos. Quando deixou de jogar, o Sporting fez-lhe uma festa de homenagem, onde veio jogar o Belenenses e o Barreirense.

Foi 11 vezes internacional por Portugal e jogou 11 anos no Sporting C.P. Nunca foi castigado, e por isso, teve direito a um louvor do governo português.

Relatou como primeira memória, uma história engraçada, e que divertiu a mim e à Nathália enquanto ouvíamos, dos tempos de criança e em que viu um jogo do pai, Sporting C.P – Benfica *“Fui ver um sporting-benfica, num final de uma taça com a minha mãe. O Sporting esteve a ganhar 3-2 até cinco minutos do fim. E a cinco minutos do fim, o Benfica marcou 2 golos e ganhou 4 a 3. Eu tive um ataque de choro, e não conseguia parar de soluçar. E a minha mãe não sabia o que me havia de fazer, então agarrou em mim e levou-me à cabine para o meu pai me aturar. Cheguei lá e continuava a chorar, o meu pai a dizer para eu ter calma, mas eu continuei. Então chegou lá o Manuel Marques, e disse para o meu pai me dar um chazinho, porque eles na altura levavam uns garrações com chá de limão fresco que bebiam durante os jogos, eles não bebiam água, bebiam esse chá de limão. E então eu bebi e acalmei-me logo porque gostei do sabor. Eu devia ter entre 4, 5 anos, porque o meu pai ainda jogava. E eu adorei o chá de limão, então passei a chorar no final de todos os jogos para ir à cabine beber o chá de limão.”*

Carlos Canário, recorda que para ele não era difícil ser do Sporting C.P, o difícil era ser de outro clube *“eu cresci aqui dentro, eu passava as festas de Carnaval na rua do passadiço, que era a primeira sede do Sporting. Era lá que ia receber o dinheiro quando jogava nos juniores, ia lá todas as segundas-feiras buscar a minha semanada ao Sporting. Sempre gostaram de mim, eu gostava das pessoas, era uma família, eu cresci aqui dentro.”*

Tem muitas memórias em relação ao Sporting C.P, principalmente ligadas aos tempos em que o pai era jogador. Lembra-se de todos os fins de semana, quando o pai ia jogar fora, nunca tinha a presença dele nesses dias. Mas, tinha sempre um presente à sua espera na hora que chegava. Quando ia jogar a Aveiro trazia barrigas de ovos moles, quando ia ao Porto trazia outra coisa. Relembra com carinho *“de ele ter ido jogar à Suécia e ter trazido uma camisola que eu levava para o liceu e toda a gente me perguntava onde é que a tinha comprado. A Europa não era como é agora, a Suécia, França, Espanha, o meu pai trazia sempre alguma coisa para a minha mãe, para mim e para o meu irmão, trazia sempre.”*

Passado algum tempo, foi ele, o entrevistado, Carlos Canário que começou a praticar desporto. Iniciou-se no basquetebol e depois no futebol, cada vez mais o

sportinguismo entrava e não saía. Atualmente tem uma excelente relação com o Sporting C.P. É o sócio nº131, foi com dois ano de idade que passou a ser sócio e por isso está quase a fazer 76 anos de atividade no clube. Pertence à estrutura dos cinquentenários, onde organiza excursões, almoços e visitas a museus para as famílias. Faz parte do grupo Stromp, no qual jantam terça-feira sim, terça-feira não. Nesses jantares, discutem não só sobre o clube, mas também dão opinião sobre outras coisas. Afirma que *“como desportista que fui aceito sempre três resultados. A derrota, vitória ou empate. Obviamente que fico mais contente com as vitórias, mas também não fico desesperado com as derrotas, nem com os empates, porque acho que isso faz tudo parte do jogo.”*

O afeto pelo clube, é a palavra-chave a ser retirada desta entrevista. Antigos atletas, são dos que mais possuem relatos surpreendentes e muito pertinentes.

Joaquim Ferreira ³⁶, antiga glória do atletismo do Sporting C.P, foi um dos entrevistados no gabinete do Centro de Memórias. Foi iniciado no Sporting C.P, onde para além do Professor Moniz Pereira, tinha Hans Lipka, treinador de atletismo adjunto do professor alemão, como referências. A sua carreira desportiva foi muito rica, com várias conquistas, onde se tornou um dos atletas mais estimados da história do clube. Atleta olímpico em Tóquio, recordista do mundo em Miyazaki, participou nos jogos olímpicos e foi 3 vezes campeão do mundo em África. Ganhou o prémio Stromp em 1992, sendo premiado pela dedicação que teve e tem ao Sporting Clube de Portugal. O prémio Stromp é atribuído anualmente pelo Grupo Stromp, em dezembro, aos dirigentes, técnicos, atletas ou sócios do clube, que mais se destacaram no decorrer do ano. (Site oficial Sporting C.P) ³⁷

Recorda-se de almoçar com o Professor Moniz Pereira e com Hans Lipka em Lisboa, no Chiado. O empregado de mesa disse-lhe *“O professor quer que tu almoces 2 a 3 vezes por semana aqui, bife a cavalo”*. Joaquim ficou estupefacto porque não sabia o que isso era, *“O que é isso?”*, perguntou, não sabia o que era, pois pertencia a famílias humildes e antes de ir para o Sporting C.P, só comia sopas de saramagos (legumes) feitas pela mãe. Diz que as sopas foi o que lhe deu forças para se tornar no atleta que foi.

A primeira recordação do Sporting C.P, foi a de quando morava no Lumiar, numa casa de uma cunhada da mãe. Andava na estrada da Torre, a jogar hóquei com um stick

³⁶ Entrevista realizada no dia 11 de outubro de 2021 às 14:00 horas, na antiga sala do Centro de Memórias

³⁷ Acedido a 4 de abril de 2022

feito por si com paus. Um rapaz perguntou-lhe “vai haver uma festa na Charneca, queres ir lá correr”, “Claro, mas não tenho roupa”, “Não tem mal, eu falo com o diretor, mas tu não tens dinheiro para pagar”. O diretor acabou por lhe pagar a corrida. Deu 25 voltas e cada vez que passava pela bandeirola o público gritava “O garnizeiro, nome de um animal que corre muito rápido, lá vai”, por ser muito magrinho.

O Senhor Joaquim, sente que o Museu Sporting e a instituição Sporting C.P são uma família para ele. Por vezes vai ao museu para mostrar as suas conquistas ou para visitar e conversar um pouco. Leva sempre pastéis de nata para os colaboradores do museu.

Joaquim Ferreira, realizou o teste de aptidão para atletismo a Carlos Silva, igualmente entrevistado para este projeto.

Carlos Silva ³⁸, trabalhador do Sporting C.P, ex-atleta de atletismo do clube. A primeira memória no Sporting C.P, foi em 1999, quando veio para a equipa de atletismo do Sporting C.P. Antes corria pelo Nespereira, Clube da sua vila que é Nespereira, Cinfães – Viseu. Quando começou a ser atleta, passou a ser apoiante do Sporting C.P, pois antes não era. Conheceu o Professor Moniz Pereira e o teste para ser atleta do Sporting C.P, que era correr 1000 metros, foi feito por Joaquim Ferreira. Quem não conseguisse correr esses 1000 metros não ficava no Sporting C.P.

Em outubro de 2011, ganhou a primeira corrida do Sporting C.P, onde se sagrou campeão dos juvenis e campeão de corta-mato. Foi atleta do Sporting C.P durante 14 anos.

Igualmente entrevistado na Sala do Centro de Memórias, Vitor Cândido ³⁹, Jornalista desportivo, reformado. Realizou vários programas sobre memória na Sporting TV e na Bola TV. Foi seccionista de várias modalidades amadoras, colaborador do *Jornal Sporting* e dirigente do futebol juvenil. Enquanto Amado de Freitas era presidente do Sporting C.P, foi convidado para integrar os quadros diretivos leoninos. Exerceu também o cargo de vice-presidente do Núcleo Sportinguista de Arganil. Jogou futebol no Sporting C.P, foi dirigente amador, é sócio há quase 60 anos.

Quando o convidaram para ser dirigente amador no Sporting C.P e escrever para o *Jornal Sporting*, ele não recebia nada em troca. Doravante, convidaram-no para ficar a

³⁸ Entrevista realizada no dia 14 de outubro de 2021 às 11:00 horas, na antiga sala do centro de memórias

³⁹ Entrevista realizada no dia 12 de outubro de 2021 às 15:00 horas, na antiga sala do Centro de Memórias

tempo inteiro e receber um ordenado completo (porque enquanto fazia isto, ele trabalhava no Jornal A Bola). Não aceitou, porque fazia o trabalho por amor ao Sporting C.P. Arranjou alguém para o seu lugar, sendo que continuou a fazer parte de algumas coisas na instituição, mas de forma mais leiga.

Em 1981, foi reconhecido com o Prémio Stromp, que é o mais alto galardão do Sporting.

Reformou-se de jornalista em 2010, mas continuou de certa forma a trabalhar.

Tem muitas memórias como adepto, sócio, atleta e dirigente do Sporting C.P. Uma das partilhas que fez foi que para ele, o estádio antigo foi o estádio da sua vida. O estádio antigo esteve no ar de 1956 a 2003, parecia um estádio olímpico com pista de atletismo, onde as bancadas eram de madeira. Mas o primeiro que visitou não foi este, foi o anterior. Nunca teve medo de dizer que era adepto fervoroso do Sporting C.P, tanto que sempre que se encontrava com um dirigente de outro clube, eles diziam “*Lá vem o Sportinguista*”.

No decorrer da entrevista, falou de vários nomes míticos que fizeram parte da história do Sporting C.P, pois acredita que existem verdadeiras lendas do Sporting que precisam de ser recordadas. Um deles foi Mário Lino, antigo jogador de futebol e treinador. Outro foi Paquito, antigo pugilista do Sporting C.P. Quando fizemos uma visita ao museu, Vitor Cândido emocionou-se quando viu o vídeo do pugilista, porque recordou o que Paquito batalhou para chegar onde chegou.

A sua primeira memória em relação ao Sporting C.P, foi a de quando veio pela primeira vez ao Estádio antigo. O jogo que veio ver foi o Sporting C.P-Belenenses, onde o Sporting C.P ganhou 4-0. Tinha 6 anos, quando o primo, Fernando Francisco, que era motorista na Carris, pediu aos pais se o podia levar a ver um jogo do Sporting C.P. Os pais deixaram e nesse mesmo dia tornou-se sócio do Sporting C.P. O primeiro jogo que assistiu, é a Razão de Ser do Sporting C.P.

No Museu Sporting é uma lenda viva que continua a partilhar as suas memórias e a ajudar a identificar fotografias. Venera a recordação e celebra o recordar.

Vitor Cândido é um verdadeiro contador de histórias, e acredito que as suas memórias deviam ser escritas e partilhadas para todos os aficionados do Sporting lerem e para alguns recordarem.

“Quem tiver dúvidas da grandeza mundial do Sporting C.P, visite o Museu no Estádio de Alvalade” (Vitor Cândido, 12 de outubro de 2021)

No dia 25 de outubro, enquanto fazia pesquisa para o trabalho em conjunto com o David Felgueiras, chegou ao Museu Sporting um visitante especial. António Abraços⁴⁰, advogado e adepto do Sporting C.P. Tem 97 anos, nasceu no Algarve e mora no Brasil, Rio de Janeiro, onde passa a maioria do seu tempo. Trabalhou durante muitos anos na TAP. Um dia estava a jantar com os filhos e com a mulher quando viram um anúncio a falar sobre universidades. Os filhos afirmaram que era muito difícil fazer os exames para a faculdade., mas António inscreveu-se numa faculdade para fazer os exames para ser advogado e passou em 10º lugar. Foi há cerca de 6 meses que fechou a firma de advogados que tinha no Brasil. Editou um livro onde conta a sua vida e toda a sua história, onde fala também da sua vida ligada ao Sporting. Fez parte da Tertúlia Sportinguista do Rio de Janeiro, onde passado algum tempo chegou a ser Presidente do mesmo. Delegação nº 17 do Sporting Clube de Portugal. Também chegou a viver em Moçambique onde foi secretário-geral do Sporting Clube de Nampula. Quando era secretário-geral, ele e os companheiros tinham um grito de guerra:

“Companheiros! Quem somos?

Leões Leões

Sporting Sporting Sporting”

Desafiou o Sporting a fazer a 4ª Delegação, onde realiza congresso, filiais e congregação no Rio de Janeiro, no qual o coordenador era José Silva (falecido). O IV Congresso Leonino, que decorreu precisamente no Rio de Janeiro em 1982, foi promovido pela Tertúlia. Organizou também vários jantares Sportinguistas e conheceu pessoalmente os 5 violinos pessoalmente, Vasques, Peyroteo, Travassos, Albano e Jesus Correia.

Através de uma visita ao Museu Sporting, ia vendo as taças e fotografias e, simultaneamente, recordando certos momentos vividos por meio do clube. Recordar-se de quando esteve presente numa assembleia, lembra-se que a mesa era igual à réplica que está no museu, mas preta. Ficou muito contente quando viu o nome do Alfredo Trindade

⁴⁰ Entrevista realizada no dia 25 de outubro às 16:00 horas, na antiga sala do Centro de Memórias, inicialmente acompanhada pelo David Felgueiras

na parede do Museu Sporting. Tem acompanhado de longe o Sporting C.P e tudo o que tem a ver com o clube e as suas modalidades.

A Razão de ser do Sporting C.P, começou quando tinha 10 anos. Jogava ao berlinde com os amigos e escolheu um berlinde verde e ganhou. Certo dia começou a tomar mais atenção ao ciclismo. Nessa altura, Alfredo Trindade corria pelo Sporting C.P, e em comparação com José Maria Nicolau, ciclista do Benfica, era mais forte. Por ter escolhido o berlinde verde, e ter vencido, e ter começado a seguir a carreira de Alfredo Trindade, começou a ser adepto do Sporting C.P. A partir desta altura, época de 1934-195, começou a torcer pelo Sporting C.P.

Quando em 2021 o Sporting C.P foi campeão, não estava em Portugal, por isso organizou um pequeno encontro de Sportinguistas no Brasil para festejar. Ficou muito feliz quando a bisneta de 11 anos vestiu a camisola do Sporting C.P para festejar o campeonato. Admira a instituição que o Sporting C.P é e tudo o que conseguiu conquistar. Para ele a vida desportiva só tem um nome, Sporting Clube de Portugal.

Pediu expressamente para escrever a seguinte frase no meu trabalho, *“O Sporting tem todas as modalidades e não esquece o aspeto cívico dos seus atletas”*.

A Razão de Serem do Sporting C.P, é diferente em todos os casos estudados, mas, todas têm uma ligação, o facto de esses acontecimentos os levarem a apoiar o clube verde e branco e de o amor por ele ter nascido disso. Nem sempre em todas as instituições desportivas é demonstrando apreço pelos adeptos e colaboradores. Caso muito diferente no Sporting C.P, onde o respeito pelos seus é o principal. O Sporting C.P é uma família, onde perduram memórias que são passadas de geração em geração. Vivem de alegrias, mas também de infelicidades. Porque ser do Sporting C.P também é isso, saber perder.

Quando comecei a apreciar futebol, e a assistir a jogos, tanto na televisão como no estádio, percebi que existia muito mais do que uma equipa a jogar. Há toda uma rede de apoio que permite que o desporto seja admirado. E as conquistas são de todos os aficionados pelo clube.

O Museu Sporting é um local que detalha com exatidão as conquistas, graças a todo o material que vai recolhendo ao longo de toda a história do Sporting C.P, dando abrigo às memórias passadas, e contribuindo para que novas sejam realizadas.

No final deste relatório de estágio, partilho a minha primeira memória em relação ao Sporting C.P. Esta memória foi contada pela minha mãe, mas é a que se mantém ainda viva em mim. No ano de 2001, quando o Sporting C.P foi campeão, o meu vizinho ofereceu um churrasco para os adeptos. Fechou a rua em frente à sua casa, e fez feijoada, cozido à portuguesa e grelhados. Juntou mais de 300 pessoas e festejaram o dia todo. O Senhor Anselmo, o meu vizinho, era apaixonado pelo Sporting C.P, e hoje, após a sua morte, lembro-me dele e da sua festa, como uma das primeiras memórias em relação ao Sporting C.P.

Para rematar, utilizo uma parte da entrevista com Juvenal Carvalho:

“Sem pessoas não há Sporting, o Sporting são as pessoas, porque tudo o resto são fotografias, são memórias, temos que ser nós, vocês agora a trabalhar no museu, eu a colaborar com o Jornal do Sporting e com o sportinguismo militante, por vezes até exacerbado de mais, e o Sporting perturba-me às vezes quando as coisas correm menos bem, perturba-me pelo positivo, fico triste, fico incomodado quando o Sporting perde, fico alegre quando o Sporting ganha, mas é como eu dizia à pouco, não sou do Sporting quando ele ganha, (...), habituei-me a ser do Sporting, aprendi a ser do Sporting, e isto aprender a ser do Sporting e amar, eu costumo dizer que não há sportingometro, não sou mais do Sporting do que vocês, vocês não são mais do Sporting que eu, ou se é do Sporting ou não se é. E o Sporting é isto, é sermos todos um, no sentido de fazermos o clube mais forte. Viva o Sporting!”

Bibliografia:

JORNAL A BOLA. “Adeptos leoninos são os que se sentem mais próximos do clube”. Última vez modificado a 2 de janeiro de 2016 por Miguel Cardoso Pereira [online] <https://www.ulisboa.pt/wp-content/uploads/Adeptos-leoninos-s%C3%A3o-os-que-se-sentem-mais-pr%C3%B3ximos-do-clube.pdf> (acedido a 23 de novembro de 2021)

ARCHIVOZ. “Entrevista com Isabel Victor”. Última vez modificada a 29 de novembro de 2021 [online] <https://www.archivozmagazine.org/pt/entrevista-com-isabel-victor/> (acedido a 12 de maio de 2022)

AUGÉ, Marc. (1978) “Os Domínios do Parentesco”. Lisboa: Edições 70

BAST, Gerald, ELIAS G. Carayannis, DAVID FJ Campbell. (2018). “*The future of museums.*” Switzerland: Springer

BEAUD, Stéphane. WEBER, Florence, 2007 [1997]. “*Escolher um tema e um campo. Guia para a Pesquisa de Campo. Produzir e Analisar dados etnográficos.*” Petropolis: Vozes. pp. 21-43

BENDER, Donald. R. (1967). “*A Refinement of the Concept of Household: Families, Co-residence, and Domestic Functions.*” *American Anthropologist*, 69(5), pp.493-504.

BRITO, Joaquim Pais (2005), “*Patrimónios e identidades: a difícil construção do presente*”, Patrimónios e Identidades. Ficções Contemporâneas, Oeiras: Celta, pp. 43-54.

BROMBERGER, Christoph. (2006). “*De la notion de patrimoine sportif*”. N°88. Les Cahier Espaces. pp. 8-12.

CARVALHO, Ana, (2018). “Museus & Pessoas: Isabel Victor”. *Boletim ICOM Portugal* Série III, n°12 julho: pp. 69-77. https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/23397/1/Boletim%20ICOM%20Portugal%2012%20Jun%202018_s.pdf

CHAGAS, Mário. (2002). “*Memória e poder: dois movimentos*”. Cadernos de SocioMuseologia, ed.19. Pp. 43-81

CHAGAS, Mário. D. S., & Varine, Hugues. D. (1996). “*Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas*”. Cadernos de SocioMuseologia, n°5. Pp. 5-18.

CLIMO, Jacob J., MARIA G. Cattell .(2002), “*social memory and history: Anthropological perspectives*”. eds. Rowman Altamira.

COLLIER, Jane F., Michelle Z. Rosaldo, and Sylvia Yanagisako. (1982). “*Is There a Family? : New Anthropological Views. In, Rethinking the Family: Some Feminist Questions.*” B. Thorne and M. Yalom, ed. Pp. 25-39. Longman: New York.

CREUSOT MONTCEAU. “*O que é um ecomuseu*”. [online] <https://www.creusot-montceau.org/ecomusee/presentation/histoire/> (acedido a 2 de agosto de 2022)

DE BARROS, Myriam. M. L. (1989). “*Memória e família*”. Revista Estudos Históricos, ed. 3, pp. 29-42

DE MORAES, Denis. (2010). “Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci”. Revista Debates. Vol.4, Nº 1 jan-jun: pp.55. <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420/8298>

DIAS, Luís. A.C; PAULO. J.S.B. (2020). “*História do Sporting Clube de Portugal: uma nova abordagem das origens aos anos alvalade*”. 1ª edição. Lisboa. Contraponto editores

DIONISIO, Pedro, LEAL, Carmo, & MOUTINHO, Luiz. (2008). “*Fandom affiliation and tribal behavior: a sports marketing application.*” Qualitative Market Research Vol. 11 Nº 1: pp. 17-39. <https://doi.org/10.1108/13522750810845531>

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan, 1991 [1937], “*Some Reminiscences and Reflections on Fieldwork*”. Vol.12. Oxford: Witchcraft, Oracles, and Magic Among the Azande. Clarendon Press, pp. 240-254

FELGUEIRA, David. J. M. (2018). “*Centro de Memórias do Museu Sporting CP*”. Mestrado. FSCH-UNL. Pp. 1-66

FEITO DE SPORTING. “Sporting Clube de Portugal”. Última vez modificado em 2017 [online]. <https://www.youtube.com/watch?v=1u4TLg9dAwE> (acedido a 5 de julho de 2022)

FREUD, Sigmund (1896). “*A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*”. Rio de Janeiro: Imago Ed

GALEANO, Eduardo; ASEFF, Marlova. (2018). “*Fechado por motivo de futebol.*” L&PM Editores.

GEERTZ, Clifford. (1989). “*O impacto do conceito de cultura no conceito de homem*”. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

GODINHO, Paula, SAMARA, Maria, A. D. D. A., & SIMÕES, Dulce. (2020) “*Memória, Cultura e Porvir*”. TAE-Trabalhos de Antropologia e Etnologia, pp. 99- 116

GOFFMAN, Erving, (1956), “*The Presentation of Self in Everyday Life, Edinburgh*”, Edinburgh University

HALBWACHS, Maurice, 2004 [1959]. “*A memória coletiva.*” São Paulo: Centauro Editora. Pp. 25-187
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/1653>

<https://www.youtube.com/watch?v=INKTyQC4lcY&feature=share&si=ELPmzJkDCLju2KnD5oyZMQ> (acedido a 5 de julho de 2022)

HYPOTHESES. “Museu Sporting, um museu de emoções”. Última vez modificado em 23 de julho de 2018 por Ana Carvalho [online] <https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/tag/plano-estrategico-museu> (acedido a 8 de março de 2022)

ICOM. “History of ICOM”. [online] <https://icom.museum/en/about-us/history-of-icom/> (acedido a 8 de março de 2022)

LE GOFF, Jacques. 2003 [1924]. “*História e memória.*”. Campinas, Editora da Unicamp. pp. 1-477

LEAL, João. (2009). “*O património imaterial e a Antropologia Portuguesa*”, in *Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades*. Lisboa: IMC, Pp. 289-295.

LOWENTHAL, David. (1997). “*History and memory,*” *The Public Historian*, pp. 30- 39

LUIZ, Nathália. P. (2020). “*Renova Museu: um projeto de revitalização do Museu do Casal de Monte Redondo*”. Mestrado. Universidade Lusófona de Lisboa. Pp. 1-166

MALINOSKI, Peter. T., LYNN, Steven. J. (1999). “*The plasticity of early memory reports: Social pressure, hypnotizability, compliance and interrogative suggestibility.*” *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, vol. 47 (4), Pp.320–345

MALINOWSKI, Bronislaw, (2002) [1922]. “*The Argonauts of the Western Pacific.*” London, Routledge. Pp. 17

MOUTINHO, Mário. C. (2014). “*Definição evolutiva de SocioMuseologia: proposta de reflexão*”. *Revista Cadernos do Ceom*, vol. 27, Pp. 423-427.

NORA, Pierre. (1993). “*Entre memória e história: dois lugares problemáticos*”. *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, 10.

NUNES, Rosane. D. S. (2011). “*Unesco: patrimônio cultural imaterial e SocioMuseologia*”. Lisboa, Portugal. Pp. 1-213

PERALTA, Elsa, ANICE, Marta (org.). (2006). “*Patrimónios e Identidades: Ficções Contemporâneas*”, Oeiras: Celta Editora

PERALTA, Elsa., (2007). “*Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica*”, n.º2. *Arquivos da Memória*. pp.4-23

POLLAK, Michael. (1992). “*Memória e identidade social*”. Revista estudos históricos, vol.5.nº10, Pp. 200-215.

Prado, Danda. (2017). “*O que é família*”. Brasiliense. Nº 1. Tatuapé: Editora e Livraria Brasiliense.
https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=bmkvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=+O+que+%C3%A9+fam%C3%ADlia&ots=s3UT6arFmW&sig=l8dWQ91qAjjhG9G7QpFMtGNuaro&redir_esc=y#v=onepage&q=O%20que%20%C3%A9%20fam%C3%ADlia&f=false

RAMSHAW, Gregory, (2019). “Introduction: The Relationship Between Heritage and Sport.” *Heritage and Sport: An introduction*. pp. 1-10. Bristol, Blue Ridge Summit: Channel View Publications <https://doi.org/10.21832/9781451703-003>

REPÚBLICA PORTUGUESA. “Mais quatro Museus aderem à Rede Portuguesa de Museus”. Última vez modificado a 13 de setembro de 2022 [online]
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/comunicado?i=mais-quatro-museus-aderem-a-rede-portuguesa-de-museus> (acedido a 14 de setembro de 2022)

RIBEIRO, José Da Silva (2005). “Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação”. *Revista de Antropologia*, nº 48, pp.613-648.

RIVIÈRE, Claude; PIETTE, Albert (1995). “*Les rites profanes*.” Paris: presses Universitaires de France.

ROCHA, Thaíse. S. F. (2012). “*Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF*”. XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG). Pp. 1-12

SANTOS, Valéria Oliveira. 2003 [1998]. “Ritos e rituais contemporâneos.” *Campos-Revista de Antropologia*. Nº 4. Pp. 217-220.
<https://revistas.ufpr.br/campos/article/viewFile/1608/1356>

SAUL, Leon J., SNYDER Junior, T. R., SHEPPARD, Edith. (1956). “*On earliest memories*. *The Psychoanalytic Quarterly*,” vol.25 (2), Pp. 228-237.

SEABRA, Daniel. (1999). “*Recensão do livro O jogo de futebol. Etnologia de uma paixão partidária em Marselha, Nápoles e Turim*”, de Christian Bromberger. *Antropológicas*, nº 3. Pp.141-142.

SEABRA, Daniel; RODRIGUES, Joana (1998) “*Futebol Como um Ritual*”. *Antropológicas*. Vol.2, Pp. 15- 34.

SPORTING. “Prémios Stromp 2021”. Última vez modificado a 10 de dezembro de 2022 por Sporting C.P [online] <https://www.sporting.pt/pt/tags/premios-stromp> (acedido a 4 de abril de 2022)

SPRADLEY, James, (1979). “*Interviewing an Informant.*” *Ethnographic Interview.* Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, pp. 461-474

SUPPORTING. “*De geração em Geração*”. Última vez modificado em 2016 [online] <https://www.youtube.com/watch?v=INKTyQC4lcY> (acedido a 5 de julho de 2022)

SUPPORTING. “*Dia de Jogo*”. Última vez modificado em 2021 [online] <https://www.youtube.com/watch?v=oTisGivbhfs> (acedido a 5 de julho de 2022)

TAPP, Alan. (2004). “The loyalty of football fans – we’ll support you ever more?” *Journal of Database Marketing & Customer Strategy Management.* N° 11. Pp. 203-216. <https://doi.org/10.1057/palgrave.dbm.3240221>

TEIXEIRA, Ana Raquel Marques. (2017). “*Marketing Tribal: o comportamento do consumidor desportivo. Caso do Sporting Clube de Portugal*” Projeto de Mestrado, Universidade de Coimbra. Pp. 2-136

TRIET, Maximilian. (1991). “*A sports museum is also a business.*” *Museum International.* Vol. 43(n° 2): pp. 82-85. DOI: [10.1111/j.1468-0033.1991.tb00948.x](https://doi.org/10.1111/j.1468-0033.1991.tb00948.x)

UNESCO. “*História*”. [online] <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco/historia> (acedido a 5 de março de 2022)

UNESCO. “*Património Imaterial*” [online] <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial> (acedido a 5 de março de 2022)

VAN MENSCH, Peter. (1992). “*The museology discourse. Part of PhD thesis: Towards a methodology of museology, University of Zagreb.*” [online]. http://www.muuseum.ee/en/erialane_areng/museologiaalane_ki/p_van_mensch_towarvan.

VICTOR, Isabel., (2010). “*The Centre of Memories: work in progress. Case of the Michel Giacometti Labour Museum, Setúbal, Portugal.*” *Cadernos de SocioMuseologia*, Vol. 38: pp.1-18.

VIDISCO. “*Maria José Valério – Marcha do Sporting*”. Última vez modificado em 2021 [online] https://www.youtube.com/watch?v=wjjK_wEmh1Y (acedido a 5 de julho de 2022)

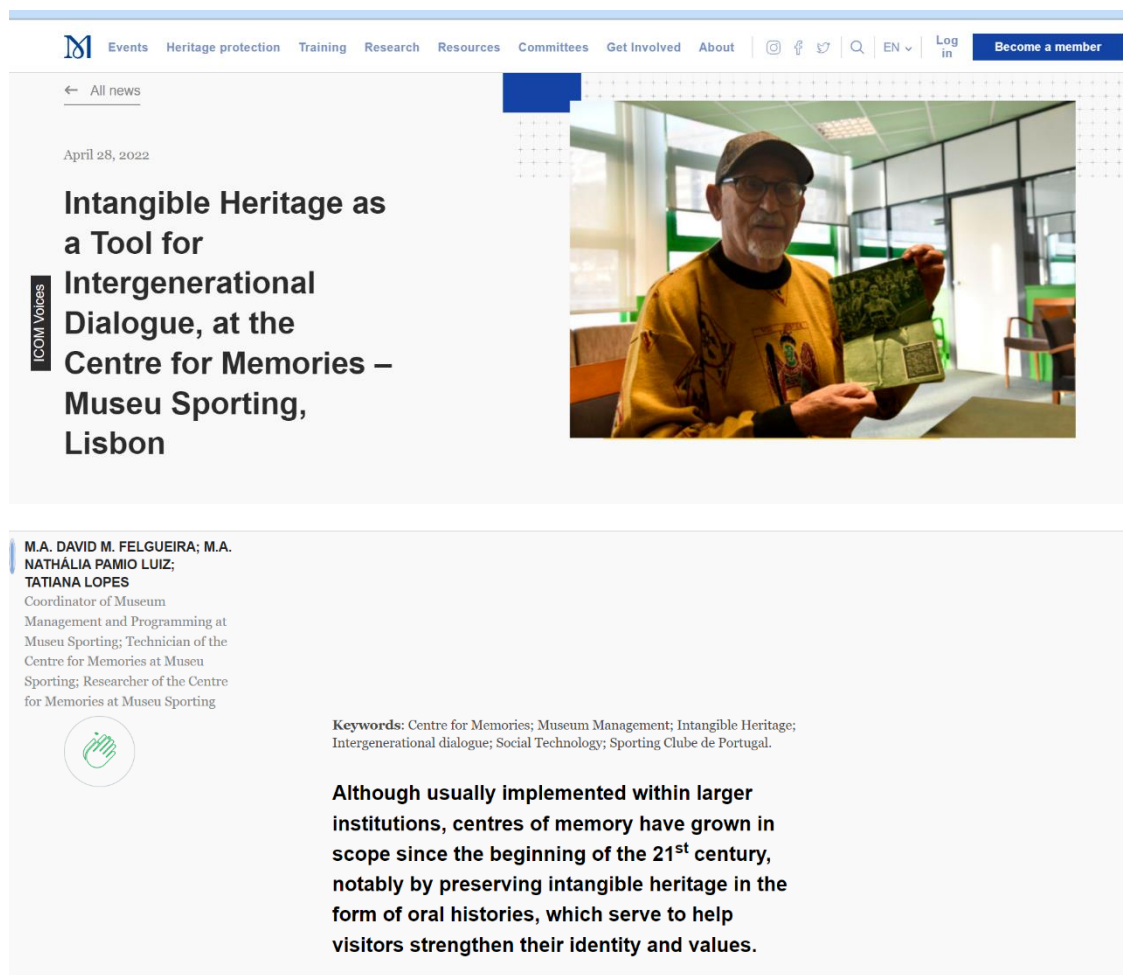
WEIL, Stephen .E. (1990). “*Rethinking the Museum and other meditations.*” Washington: Smithsonian Institution Press, pp. 43-65.

Anexos

- Projeto ICOM

Este projeto foi concretizado em conjunto com a Nathália Pamio e David Felgueiras. Foi levado a fim para expor a visão do Centro de Memórias do Museu Sporting e apresentar os métodos usados para proporcionar a salvaguarda do património imaterial.

Foi publicado a 28 de abril de 2022, no site oficial do ICOM.



The screenshot shows a webpage from ICOM with a navigation bar at the top containing links for Events, Heritage protection, Training, Research, Resources, Committees, Get Involved, About, and social media icons. The main content area features a news article dated April 28, 2022, with the title "Intangible Heritage as a Tool for Intergenerational Dialogue, at the Centre for Memories – Museu Sporting, Lisbon". A vertical label "ICOM Voices" is on the left. To the right of the title is a photograph of an elderly man in a yellow shirt and cap, holding a book. Below the article title, the authors are listed: M.A. DAVID M. FELGUEIRA; M.A. NATHÁLIA PAMIO LUIZ; TATIANA LOPES. Their roles are described as Coordinator of Museum Management and Programming at Museu Sporting, Technician of the Centre for Memories at Museu Sporting, and Researcher of the Centre for Memories at Museu Sporting. A small circular icon with a hand is below the authors' names. The article includes a "Keywords" section: Centre for Memories; Museum Management; Intangible Heritage; Intergenerational dialogue; Social Technology; Sporting Clube de Portugal. A concluding paragraph states: "Although usually implemented within larger institutions, centres of memory have grown in scope since the beginning of the 21st century, notably by preserving intangible heritage in the form of oral histories, which serve to help visitors strengthen their identity and values."



Anexo Figura 11 - Exemplo de um *Jornal Sporting* pesquisado nos arquivos do museu



Anexo Figura 12 - Exemplo de Cartaz que foi inventariado após a entrevista



Anexo Figura 13 - 1º Boletim informativo do Sporting C.P

“As coisas mais bonitas do mundo não podem ser vistas nem tocadas,
elas são sentidas com o coração.”

(Antoine de Saint-Exupéry O Pequeno Príncipe, 110)